

A CRIANÇA NO CENTRO DO FAZER PEDAGÓGICO

ESCOLA, FAMÍLIA E COMUNIDADE

A EXPERIÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA QUALIDADE NA EDUCAÇÃO

REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DE LUZIÂNIA (GO)

A CRIANÇA NO CENTRO DO FAZER PEDAGÓGICO

ESCOLA, FAMÍLIA E COMUNIDADE

A EXPERIÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA QUALIDADE NA EDUCAÇÃO

REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DE LUZIÂNIA (GO)

Realização



Parceria Técnica



Expediente

REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LUZIÂNIA-GO

Prefeitura Municipal de Luziânia-GO
<https://www.luziania.go.gov.br/>

Prefeito
Diego Sorgatto

Secretária Municipal de Educação
Maria Luíza Costa Sampaio Lima

Diretora da Divisão de Educação Infantil
Renata Roriz Vieira

Assessora da Divisão de Educação Infantil
Jurema Penha de Carvalho
Coordenadoras da Educação Infantil
Alessandra de Melo Simões Roman Ros
Lucélia Meireles Bueno Ramos
Luciana Correia Pinheiro
Marta de Oliveira Ruela Lima
Kátia de Oliveira Felismino Silva
Rita de Cássia Pinto Afonso
Tatiane Silva Duarte

FUNDAÇÃO ITAÚ

Presidente do Conselho Curador
Alfredo Setubal

Presidente
Eduardo Saron

COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL E ESTRATÉGICA

Gerência Executiva
Ana de Fátima

Coordenação de Comunicação
Alan Albuquerque e Renato Corch

Comunicação Institucional
Virgínia Toledo

Comunicação Estratégica
Ailson Taveira

FUNDAÇÃO ITAÚ

Superintendente
Patrícia Mota Guedes

IMPLEMENTAÇÃO

Gerência
Cláudia Varella Sintoni

Coordenação
Juliana de Souza Mavoungou Yade

Analistas de Educação Infantil
Monike Letícia dos Santos Freire
Lucas Gabriel Moreira da Cruz

FICHA TÉCNICA

Avante – Educação e Mobilização Social
www.avante.org.br

Presidente
Maria Thereza Marcilio

Vice-Presidente
Ana Luíza Buratto

Direção Administrativo e Financeiro
Ana Oliva Marcílio

Direção de Comunicação
Andréa Fernandes

Coordenação do Projeto
Tecnologias Formação e Gestão da
Educação Infantil e Fortalecimento da
Relação Escola, Família e
Comunidade
Fátima Regina Cerqueira Leite Beraldo

Equipe do Projeto
Nilcilene Ebani
Simone Custódio dos Santos
Franciele Souza

PUBLICAÇÃO

Revisão Técnica
Ivanna Castro

Design
Sílvia Barreto

Fotos
Acervo Secretaria Municipal de Luziânia (GO)
Acervo Avante, foto de Augusto Dauster

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A946c Avante – Educação e Mobilização Social
A criança no centro do fazer pedagógico escola, família e comunidade: a
experiência na construção da qualidade na educação. / Avante – Educação e
Mobilização Social; – Salvador: Avante, 2025.
112 p.: il. Color

Coordenação de Projeto: Fátima Regina Cerqueira Leite Beraldo
Rede Municipal de Educação de Luziânia (GO)
ISBN: 978-85-60828-60-9

1. Crianças – Fazer pedagógico. 2. Escola, família e comunidade. 3.
Educação de qualidade. 4. Experiências pedagógicas. 5. Rede Municipal de
Educação de Luziânia. I. Beraldo, Fátima Regina Cerqueira Leite. II. Ebani,
Nilcilene. III. Título.

CDD 370.111



Su má rio

Clique para
acesso rápido



Prefácio	7
Apresentação	8
Experiências na Educação Infantil	10
Receita do arco-íris	11
Lugar de brincar é em todo lugar	26
Era assim, agora não	35
Caixa de saberes	46
Referências	58
Experiências de fortalecimento da relação entre escola, família e comunidade	60
Roda de Conversa - Promoção de parceria entre escola e família	61
Grupos interativos	73
Tertúlia Dialógica à moda do CMEB Alda Vieira de Sousa	80
Projeto Conexão: escuta como base da relação entre familiares e professoras ou professores de crianças de desenvolvimento atípico	87
Visita Fraterna: estratégia de promoção do bem-estar	94
Participação de estudantes e familiares no Conselho de Classe	101
Referências	108
Palavra da Avante - Educação e Mobilização Social	110
Palavra da Fundação Itaú	111
Palavra da Secretária Municipal de Educação de Luziânia	112



Prefácio

É uma alegria e uma honra ter sido convidada para escrever o prefácio para esta publicação tão importante para os profissionais da Rede Municipal de Educação de Luziânia (GO). Atuo na Educação Infantil há 20 anos e sei dos muitos desafios enfrentados em todas as instituições de Educação. Sei, também, o quanto é gratificante estar com bebês, crianças, estudantes e famílias, tendo a certeza de que estamos transformando vidas e qualificando a Educação Pública.

Ter a escuta e a participação de toda a comunidade educativa como ponto principal das experiências desta publicação mostra que é possível alcançar uma educação humanizadora, que respeita e é sensível com as pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem.

As pedagogias participativas são o primeiro passo para qualificar as ações pedagógicas, valorizando o protagonismo de bebês, crianças, estudantes e famílias. Assim, é muito satisfatório conhecer experiências motivadas por esse pressuposto e que podem inspirar outras instituições a fazer o mesmo, dentro de suas possibilidades.

Com certeza foi e será desafiador repensar a Educação em cada instituição, atrelando teoria e prática, pensando que cada pessoa que adentra a escola pode ensinar e aprender e que todas as pessoas estão envolvidas no ato de educar, não só a equipe docente.

Esta publicação nos faz este convite, o de repensar a Educação e confiar nas competências de bebês, crianças, estudantes e famílias. Além disso, nos mostra, também, profissionais em protagonismo a partir de uma intencionalidade pedagógica, com coragem de arriscar, com paixão pela Educação e acreditando em mudanças significativas.

Nesse processo de mudanças na Educação Municipal de Luziânia, tive a oportunidade de conhecer profissionais muito interessados, comprometidos e engajados em repensar seu fazer pedagógico. Sou grata por essa oportunidade. Parabenizo cada pessoa envolvida nesse projeto e desejo que toda a comunidade educativa seja beneficiada com esta publicação.

Cíntia Manieri Marciano

Diretora do Centro de Educação Infantil Professora Eunice Pinheiro Machado Padovan (SP)

Apresentação

O objetivo desta publicação é partilhar experiências na educação infantil e de fortalecimento da relação escola, família e comunidade, comprometidas com o direito fundamental das crianças, adolescentes e adultos a uma educação de qualidade.

Ao longo das páginas que seguem, compartilhamos experiências pedagógicas produzidas na Rede Municipal de Educação de Luziânia (GO), no contexto do Programa Melhoria da Educação, uma parceria entre a Fundação Itaú, a Secretaria Municipal de Educação e a Avante – Educação e Mobilização Social no período de 2021-2024.

As experiências são referências de qualidade educacional e podem inspirar a construção de novas iniciativas. Elas nasceram ou foram identificadas nas ações formativas de implementação das tecnologias educacionais “Formação e gestão da Educação Infantil” e “Fortalecimento da relação escola, família e comunidade”.

Cada uma das experiências vem permeada por reflexões críticas da prática, um dos pressupostos que guiam as ações formativas da Avante – Educação e Mobilização Social, assim como a valorização de um processo criativo e autoral de construção de conhecimento, além da escuta das experiências dos atores

locais e das especificidades de cada contexto. Ao longo do texto, você terá acesso a links que levam a depoimentos das educadoras ou educadores responsáveis pelas experiências.

Na primeira parte da publicação, são apresentadas experiências que dizem respeito à relação pedagógica entre professoras ou professores e crianças da Educação Infantil. A concepção de criança dessas práticas está ancorada no artigo 4º das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) e em coerência com os princípios éticos, políticos e estéticos que constam nas DCNEI e devem ser respeitados ao se construir propostas educativas para este segmento.

“

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.”

(Brasil, 2009, p. 6).



As experiências contemplam maneiras de brincar e interagir que favorecem o protagonismo das crianças, protagonismo que se concretiza por meio de ações compartilhadas entre elas e as professoras ou professores a partir de uma construção coletiva do conhecimento (Horn, 2017).

“Receita do arco-íris”, “Lugar de brincar é em todo lugar”, “Era assim, agora não” e “Caixa de saberes” são práticas construídas a partir da escuta das crianças como geradora de projetos investigativos, que investem na brincadeira como linguagem, na organização dos espaços e materiais para favorecer as interações e as experiências das crianças como motor para sua aprendizagem e desenvolvimento.

Na segunda parte, as experiências se

configuram como estratégias para o fortalecimento da relação entre escola, família e comunidade. Gestão participativa e aprendizagem dialógica são os conceitos-chave que guiam essas experiências.

Partimos do entendimento de que gestão participativa pressupõe um processo de mobilização das pessoas, para que atuem, elaborem e realizem atividades e influenciem nas decisões, a fim de alcançar os objetivos educacionais da escola (Lück, 2011). Nesse sentido, participação significa comprometer-se, compartilhar, comunicar e se associar (Ventosa, 2016).

Adotar uma gestão participativa exige, também, uma pedagogia da escuta junto aos atores da comunidade escolar, baseada no pressuposto de “escutar como forma de aceitar de bom

grado e estar aberto às diferenças, reconhecendo o valor do ponto de vista e da interpretação dos outros” (Rinaldi, 2012, p. 124) para promover uma aprendizagem dialógica.

No que diz respeito à aprendizagem dialógica, ela acontece por meio de diálogos igualitários, reconhecendo o saber do outro, da construção coletiva de saberes, na confrontação e integração dos opostos e das contradições da realidade, tendo como resultados as aprendizagens, as mudanças e o exercício da cidadania ativa.

Convidamos você a explorar essas experiências para descobrir suas próprias paixões educacionais e implementá-las na sua prática escolar, defendendo o direito fundamental da cidadã ou cidadão brasileiro a uma educação de qualidade.



Experiências na Educação Infantil

“

Brincar é trabalho de criança. Brincar é o modo da criança mudar, transformar, modificar o mundo.” (Buitoni, 2006)





Receita do arco-íris

Um planejamento baseado na escuta atenta aos interesses das crianças

Motivada em planejar vivências que considerassem a potência exploradora, a curiosidade e o encantamento da criança pequena pelos mistérios e maravilhas da natureza, Ana Claudia Santos Silva, professora do CMEI Dona Nenzica, decidiu repensar seu planejamento.

No entanto, como planejar as vivências infantis considerando os interesses das crianças? Esta foi a pergunta da professora diante de uma sala com crianças entre 4 e 5 anos. Assim surgiu a “Receita do arco-íris”, um planejamento com intenção educativa, baseado na escuta atenta dos interesses das crianças, que teve como ingredientes fundamentais o tempo e a confiança nas competências de cada uma delas.



“

“Inicialmente, pensei em ouvir as crianças em suas brincadeiras, mas essa não foi uma tarefa fácil, pois estávamos no período de adaptação da turma. Sempre que eu me aproximava, as conversas mudavam ou cessavam. Ainda estávamos criando vínculos importantes para que a escuta se estabelecesse. Por isso, resolvi escolher os momentos de desenho para ouvi-las. Percebi que estavam bastante interessadas na exploração das cores e começaram a retratar o arco-íris a partir dessa exploração.”

(Ana Claudia Santos Silva, professora da turma de 4 anos do CMEI Dona Nenzica)

Ingredientes

A escuta em pequenas porções

“

Eu vi 7 arco-íris. Aí, quando choveu, todo o arco-íris apareceu, apareceu no sol.

(Maria Cecília, 4 anos)

A professora Ana Cláudia criou **estratégias para ouvir as crianças diariamente**. Planejou momentos em que poderiam acompanhar pequenos grupos em espaços de desenho, exploração e brincadeiras. Usou um gravador de voz para captar as narrativas

das crianças em suas vivências e desenvolveu sua escuta como pessoa adulta ao atuar como observadora das ações das crianças.

Escutar atentamente as crianças requer **mais do que apenas ouvir suas palavras**.

A **organização do espaço e dos materiais** foi uma importante estratégia.

“

A sala da turma foi povoada com as memórias gráficas das crianças no processo. Tudo para criar um ambiente seguro e acolhedor, em que elas se sintam confortáveis para expressar seus pensamentos.”

(Ana Claudia Santos Silva, professora da turma de 4 anos do CMEI Dona Nenzica)





A relação precisa estar centrada na capacidade do professor escutar e responder às necessidades das crianças (Fochi, 2019). Por isso, Ana Claudia validava, cotidianamente, os interesses das crianças a partir de sua observação e aprofundava suas percepções sobre os saberes provisórios ou consolidados. Isso gerava insumos para alimentar o planejamento.

As rodas de conversa também foram de fundamental importância ao favorecer que se expressassem, revelando suas teorias. Afinal, quando as crianças participam da escolha do assunto, realizam trocas significativas e escutam com atenção umas às outras, sem necessitar que a professora seja o centro da conversa.

“

Oh tia, eu tava lá na rocinha e eu vi, choveu muito lá eu vi um arco-íris e ele cresceu muito, muito, tava desse tamanho assim (gesto com os braços), igual uma cabra grandona, bem grandona.

(João Pedro, 4 anos)

“

Quando choveu de noite, o arco-íris brilhou e depois ficou desse tamanho (gesto com as mãos) e depois foi embora. Quando o sol atacou, choveu mais, depois o trovão voltou e eu vi um arco-íris.

(Antônio, 4 anos)

“

Porque eu vi o arco-íris, sete arco-íris.

(Mateus, 4 anos)

“

Quando eu tava no clube, aí apareceu um arco-íris, porque eu vi dois, aí depois eu vi [que] ele ficou mais gigante, aí depois ele virou, e depois ele choveu e ele apareceu. Depois, quando parou de chover, o sol ficou mais alto e ele foi embora

(Lavínia, 4 anos)

A relação precisa estar centrada na capacidade de o professor escutar



Clique aqui para acessar



Tempo a gosto

A **organização do tempo** foi o principal desafio enfrentado pela professora. Um desafio que pode ser grande, especialmente quando o currículo parece não

deixar espaço para explorar a curiosidade e interesses das crianças.

Anteriormente, a professora realizava seu planejamento em forma de listas a partir das datas comemorativas ou temas semanais. Nessa prática, o planejamento das vivências cotidianas é direcionado pelo

calendário ou por temas e atividades pouco interessantes para as crianças. Segundo a professora Ana Cláudia, essa maneira de planejar satura o planejamento e não permite que se aprofunde o que se ouve delas, porque falta tempo.



Clique aqui
para acessar



Por isso, o tempo era ingrediente fundamental para seguir com um bom planejamento. Era preciso adicionar tempo para:

- ouvir as crianças em conversas em grupo ou em momentos individuais, nos quais elas se sintam à vontade para compartilhar suas ideias;
- demonstrar interesse genuíno nas observações e perguntas das crianças;
- fazer conexões entre os interesses das crianças e

os objetivos do currículo, encontrando maneiras de integrar temas relevantes ao planejamento;

observar sinais não verbais, como expressões faciais, para entender melhor suas emoções e pensamentos.



As crianças precisam de tempo para aprofundar saberes, investigar o mundo e validar hipóteses sobre suas investigações. Segundo Martine (2020), é necessário oferecer às crianças um tempo maior de aproximação, de exploração e de experimentação, um tempo que respeite as diferentes subjetividades envolvidas nas experiências.

A professora também precisava dele para compreender o que as crianças sabiam e pensavam sobre o tema, além das descobertas que estavam fazendo. Ela queria conhecer a curiosidade delas a respeito do arco-íris e

percebeu que não era possível planejar um começo, meio e fim de um pequeno projeto de uma só vez.

Por isso, Ana Claudia decidiu acompanhar o processo de aprendizagem das crianças e ir planejando aos poucos. Afinal, escutar demanda reflexão e tempo. “Não vivemos o presente com as crianças, nem percebemos que caminho estão tomando em suas investigações. Praticamente não refletimos sobre nossas ações e nosso planejamento. Precisamos desacelerar”, disse a professora.

Nessa perspectiva, além do processo de escuta, a adaptação do planejamento é contínua, pois permite a inclusão de temas de interesse das crianças e o uso de recursos externos para enriquecer as experiências.

É um delicado equilíbrio entre seguir o cronograma estabelecido e nutrir o aprendizado. Para a qualidade das experiências infantis, é fundamental adicionar bastante **tempo**, com paciência e em boas quantidades.



Clique aqui para acessar





“Muitas vezes eu quis dar um salto e trazer mais informações científicas sobre como fazer um arco-íris. No entanto, repensando a questão do tempo, vi o quanto é primordial ir avaliando os conhecimentos construídos pelas crianças e suas hipóteses sobre o tema, deixando que aprofundem suas descobertas. É essencial refletir a própria prática de maneira constante, principalmente quando se propõe algo novo, pois tanto nós quanto as crianças precisamos do tempo de assimilação. O tempo é um grande aliado, mas também pode ser um vilão. Como adultos, tendemos a acelerar, principalmente porque queremos transmitir o conhecimento.”

(Ana Claudia Santos Silva, professora da turma de 4 anos do CMEI Dona Nenzica)

Modo de fazer: o planejamento



A partir da escuta inicial, a professora planejou **contextos investigativos**, a fim de observar a relação das crianças com os materiais e o tema. Elegeu materiais que favorecessem a investigação das crianças com as cores, seus fenômenos e transformações a partir da luz e do reflexo. Entre eles, riscantes diversos, espelhos, papéis em paletas de cores variadas, celofane, CDS, aquarelas, lanternas, luminárias e retroprojeto, água, círculo cromático, fotos de arco-íris, lupas, entre outros.

Contexto investigativo é uma ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM. Baseia-se na organização dos espaços e materiais com elementos que provocam desafios nas crianças, para que construam aprendizagens importantes para seu desenvolvimento integral.



Organização dos contextos investigativos



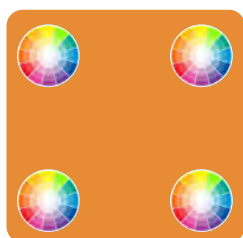
Guarda-chuva

- Papéis
- Lapis de cor
- giz de cera
- Aquarela
- Arco-íris

Paleta de cores
Objetos diversos
que possam ajudar
na comparação
das cores.



Retroprojektor + Celofane



círculos cromáticos

Brinquedos de madeira

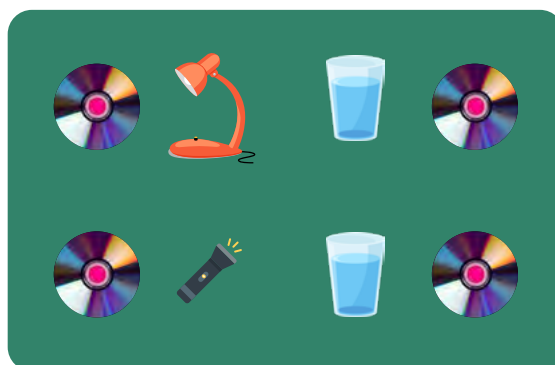


Livro
“Monstro
das cores”



MASSINHA

- CDs
- Potes com água
- Lanterna
- Luminária



As crianças exploraram os contextos livremente, com muito interesse pelo tema. O contexto de pintura foi o mais procurado por elas. A percepção inicial da professora de que o interesse das crianças seria pela relação dos objetos com as cores, na produção do arco-íris, foi validada.

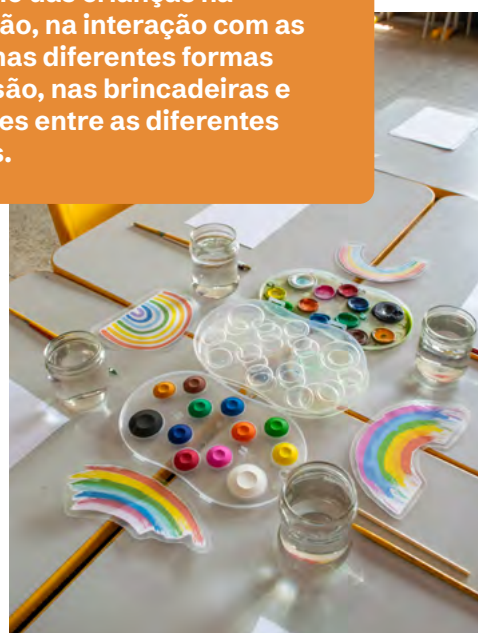


Clique aqui
para acessar



Nascia um planejamento baseado na escuta atenta dos interesses das crianças. Uma escuta que se manteve durante todo o processo, com foco na observação das **narrativas** e produções das crianças, conforme propõe a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil. A professora planejou os contextos por repetidas vezes, de acordo com a curiosidade das crianças em relação aos materiais. Isso instigou ainda mais as investigações com as cores.

As narrativas infantis fazem parte do cotidiano das crianças na conversação, na interação com as histórias, nas diferentes formas de expressão, nas brincadeiras e nas relações entre as diferentes linguagens.





As crianças testaram a luz natural e a luz artificial, dentro e fora de sala. No contexto organizado com CDs, exploraram a luz do sol com água e espelho, a luz da lanterna dentro da sala escura.



A organização do espaço favoreceu vivências coletivas e individuais, cooperação e respeito entre as crianças, enquanto compartilhavam o mesmo ambiente para brincar.





A professora organizou contextos potentes, com materiais de fácil acesso. Um exemplo disso foi o **passeio em um dia de chuva** para encontrar um arco-íris. Os guarda-chuvas disponíveis eram poucos, o que contribuiu para que algumas crianças se unissem debaixo de um mesmo guarda-chuva. Foi um momento privilegiado para as crianças compartilharem, em pequenos grupos, suas teorias acerca do arco-íris e onde poderia ser encontrado.

“

Choveu e depois apareceu um arco-íris

(Antônio, 4 anos)

“

O tucano que faz o arco-íris
(Miguel, 4 anos)

“

Tem que chover [professora: chover de novo?] É. Pra vê que aparece o arco-íris

(João Pedro, 4 anos)

Ao serem questionadas sobre como se faz um arco-íris, algumas crianças citaram ingredientes como sal e açúcar, estabelecendo relação com uma receita, para explicar como acontece o fenômeno, demonstrando um saber cultural sobre esse tipo de texto.

“

O arco-íris é misturado com sabe o quê? Açúcar, água salgada da chuva

(Miguel, 4 anos)

“

Se colocar muita água no céu e muito açúcar e também muito sal, aparece um arco-íris grandão, até chegar lá na casa do Papai do Céu

(Richard, 4 anos)



Clique aqui
para acessar



A lista de hipóteses e teorias das crianças sobre como fazer um arco-íris foi testada para confirmá-las ou não. Elas não estavam focadas em pintar ou desenhar o arco-íris, mas sim em criar e avistar um arco-íris real. Muitas foram as tentativas para isso, motivando novos contextos e ampliando o entendimento das crianças sobre como o arco-íris se forma.

Na finalização do Projeto Arco-íris, as crianças revisitaram o que foi realizado e a professora garantiu o planejamento pautado nos interesses delas.

“

Precisei refletir sobre minha prática novamente. Por experiências anteriores, não ia ouvir as crianças na finalização. Resolvi perguntar pra elas e sugeriram apresentar as produções e fotos numa festa com bolo de arco-íris para as turmas. Elas fizeram parte de todo o processo de encerramento, criando cronogramas e convites, tomando decisões e organizando algumas ações. Uma finalização com direito a cabelos coloridos, chá de morango e um bolo arco-íris feito de frutas.

O encerramento coroou um processo em que as crianças foram ouvidas do início ao fim.”

(Ana Claudia Santos Silva, professora da turma de 4 anos do CMEI Dona Nenzica)

Reflexão sobre a experiência

A produção de uma prática pedagógica centrada no fazer e no agir das crianças, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular da

Educação Infantil (Brasil, 2017), passa, entre outras tarefas, pelo desafio de planejar a partir da escuta das crianças. Fazer isso não é fácil, porque exige que a professora ou professor rompa com o habitus de estar no centro em favor do protagonismo das crianças.

A experiência aqui relatada ensina como fazer isso ao destacar ingredientes essenciais para concretizar uma pedagogia que escuta na Educação Infantil, que rompe com o modelo de um planejamento pautado em datas comemorativas em favor de outro centrado no envolvimento da criança em sua aprendizagem.





APRENDER NOS ESPAÇOS EXTERNOS



Lugar de brincar é em todo lugar

Direcionando o olhar para o “lado de fora”

Como aproveitar os espaços externos da escola com mais intencionalidade para garantir o livre brincar?

A Escola Educandário Espírita Maria de Nazaré sentiu a necessidade de refletir sobre como habitar os espaços externos da escola com maior **intencionalidade pedagógica** ao perceber a riqueza escondida entre árvores, gramado e terra disponíveis no pátio da escola.

Até o processo formativo acontecer, esse espaço era invisível aos olhos dos professores, sendo pouco explorado nas propostas pedagógicas com as turmas.

Essa invisibilidade é um problema comum em muitas instituições educacionais, em que o foco são as salas de referência e os espaços externos subutilizados ou negligenciados.

Intencionalidade pedagógica na Educação Infantil diz respeito a planejar com vistas à promoção dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, elencados na Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil (Brasil, 2018).

A Escola Educandário Espírita Maria de Nazaré possui um espaço amplo, com árvores, terra, grama e jardins, que eram pouco explorados pelas crianças. O planejamento priorizava propostas em sala, ou, quando ao ar livre, atividades mais direcionadas pelos adultos. O planejamento não contemplava o contato das crianças com os elementos naturais.

Os professores permaneciam grande parte do tempo com as crianças entre quatro paredes. Situação muito comum no

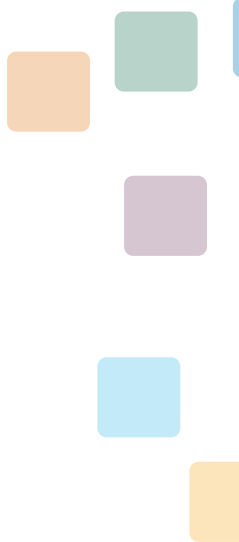
cotidiano de escolas da infância, visto que **brincar** ainda não é visto como uma linguagem promotora de aprendizagem. Além disso, o entendimento distorcido do **brincar livre** impede que a brincadeira ocupe seu lugar de importância na rotina de muitas instituições de Educação Infantil.

“Brincar livre” é aquele não direcionado pelos adultos, que acontece de maneira espontânea, quando as próprias crianças decidem do que e como irão brincar. É no livre brincar que as crianças se expressam e se relacionam com o mundo a sua volta, criando a si mesmas e novos mundos possíveis” (Ribeiro, 2022).

Para saber mais



Clique aqui para acessar



BRINCAR É PRIORIDADE



Com as discussões sobre a garantia do direito de brincar, as professoras começaram a refletir a respeito da brincadeira livre e dos espaços de brincar e perceberam a potência das áreas externas da escola. O invisível tornou-se visível.

“

A gente quase não fazia uso do espaço externo. Porém, com a formação, nosso olhar sobre esses espaços mudou. Essa virada de chave aconteceu quando discutimos sobre como utilizar o espaço externo para favorecer a relação das crianças com a natureza. Vimos na prática essa mudança, esse olhar diferente para

o planejamento, a fim de repensar a criança como ser integral, como parte essencial da natureza e que precisa se integrar a ela.”

(Liliane Dias das Chagas, supervisora do Educandário Espírita Maria de Nazaré)

Isso provocou na equipe a necessidade de repensar o planejamento e a utilização do espaço pelas crianças. O planejamento começou a ser realizado a partir dessa perspectiva e, aos poucos, a brincadeira ao ar livre começou a fazer parte do cotidiano das crianças, o que trouxe uma importante mudança de olhar. Toda a equipe começou a perceber “o lado de fora” de maneira diferente e, nesse sentido, a escola promoveu o desemparedamento de suas crianças.

“

O planejamento mudou muito, porque antes a gente ficava muito em sala, nas atividades em papel, caderno, folha A4, e agora não: as propostas não ficam restritas à sala de referência. As crianças têm mais oportunidade de estar em processos investigativos, fazendo suas descobertas em todos os espaços da escola, que são planejados com antecedência. Foi importante ver a potência que a gente tinha do lado de fora.”

(Liliane Dias das Chagas, supervisora do Educandário Espírita Maria de Nazaré)





Na maioria das vezes, dispor do espaço não garante que as crianças interajam com ele no seu cotidiano. É preciso considerá-lo como recurso pedagógico e potencializá-lo no planejamento da rotina das crianças. Além disso, é importante compreender que estar ao ar livre estimula a curiosidade, a criatividade e a exploração. As crianças que interagem com a natureza têm diversos benefícios para sua **saúde física e mental**.

Para saber mais



Assista ao episódio 3 da terceira temporada da WebConexões, realizada pela Avante – Educação e Mobilização Social, que promoveu o ciclo de conversas virtuais intitulado **“Como transformar o mundo adulto a partir da perspectiva das crianças?”**. Neste episódio, os especialistas debatem: “De que forma o convívio com a natureza influencia a vida das crianças?”.



Clique aqui
para acessar

O que mais interessava às professoras e professores era que os espaços externos pudessem ser utilizados para promover a socialização e o desenvolvimento de habilidades sociais, essenciais nessa etapa do desenvolvimento. Por isso, o foco do trabalho foi na possibilidade de as crianças interagirem umas com as outras, resolverem conflitos e aprenderem a trabalhar em equipe a partir das brincadeiras ao ar livre.



“

A perspectiva de uma educação que rompa com os muros da escola, que faça circular o dentro e o fora, que interligue a sala com o quintal, o pátio, a praça, a natureza com a ciência, a ciência com a tecnologia, a tecnologia e as humanidades é um traço importante do nosso tempo, uma compromisso geracional, antes que seja tarde”.
(Horn; Barbosa, 2022, p. 47)

Por essas razões, os “espaços” precisaram ser ocupados, por adultos e crianças.

O desemparelhamento na prática

A equipe reconheceu a importância do espaço no desenvolvimento integral das crianças e passou a incorporar atividades ao ar livre de forma mais sistemática em seu currículo.

De pronto, a rotina começou a ser pensada, de modo que as crianças estivessem mais tempo fora da sala. Por exemplo: a acolhida das crianças começou a ser realizada no espaço externo com a interação entre as turmas: alguns dias junto do jardim, outros, embaixo das mangueiras. Um momento de chegada e integração.

Com as crianças passando mais tempo ao ar livre, foi necessário estruturar o planejamento, de modo a garantir as interações e brincadeiras como ponto primordial, valorizando, inclusive, a interação entre turmas de faixas etárias diferentes. Essa mudança de perspectiva sobre o “lado de fora” permitiu que as crianças pudessem ocupar todos os espaços da escola e explorá-los

de várias maneiras, em diferentes contextos, como, por exemplo:

- Momentos de exploração da natureza: quando exploram o ambiente natural ao seu redor, investigando insetos, observando pássaros, conhecendo diferentes texturas de plantas e rochas, ou apreciando estar em contato com os elementos naturais.
 - Brincadeiras de faz de conta: quando se envolvem em brincadeiras com jogo simbólico inspiradas pelo ambiente ao seu redor ou por ambientes organizados pelos professores.
 - Construção de estruturas: quando usam materiais naturais disponíveis, como galhos, folhas, pedras e areia ou materiais não estruturados.
 - Jogos de movimento: brincadeiras como correr, pular, saltar, escalar e equilibrar-se, promovendo o desenvolvimento físico, diversão e liberdade de movimento.
- Jogos com água: quando, em dias quentes, as crianças brincam com água ao ar livre, construindo canais, fazendo misturas com elementos como água e areia.
 - Brincadeiras corporais: quando podem se expressar e se movimentar espontaneamente pelo espaço com materiais e brincadeiras que favorecem a relação com suas habilidades motoras e expressão corporal.
 - Propostas de pinturas, leitura, desenho, modelagem e outros: quando as crianças têm a oportunidade de participar de contextos coletivos ou em pequenos grupos no contato com diferentes linguagens.



Atualmente, quando planejam, as professoras ou professores levam em consideração, principalmente, os interesses das crianças, pois, ao valorizá-los, podem criar experiências de aprendizagem mais significativas e envolventes que assegurem o protagonismo infantil.

“

As propostas externas que a gente proporciona partem do próprio interesse das crianças. Observamos o quanto elas se sentem bem ao estarem em ambientes externos, com mais ventilação, arejados e confortáveis. Também nos preocupamos com a segurança, mas o mais importante é que elas estejam felizes, que interajam e tenham autonomia para brincar livremente.”

(Viviane Ribeiro Dias, professora do Educandário Espírita Maria de Nazaré)





Para que os interesses das crianças sejam atendidos no planejamento, nos momentos ao ar livre, algumas ações foram implementadas:

- **Observação atenta:** as professoras ou professores podem observar em que as crianças demonstram interesse durante as atividades ao ar livre, seja explorando a natureza ou brincando com determinados objetos.
- **Conversas e perguntas:** por meio de perguntas abertas, as professoras ou professores podem iniciar conversas com as crianças para entender melhor seus interesses e descobrir o que as motiva.
- **Flexibilidade no planejamento:** as professoras ou professores podem adaptar o planejamento das atividades ao ar livre com base no que emerge das investigações das crianças. Mudar o foco das propostas, incorporar materiais ou temas que despertem outros interesses, ou permitir mais tempo para explorar espaços que gerem maior entusiasmo.

- **Oferecer escolhas:** dar às crianças opções de escolha permite que expressem seus interesses de forma mais significativa.
- **Incorporar interesses no currículo:** as professoras ou professores podem integrar os interesses das crianças no currículo, desenvolvendo projetos de aprendizagem baseados em temas que são significativos para elas.
- **Valorizar a diversidade de interesses:** é importante que as professoras ou professores ofereçam uma variedade de oportunidades ao ar livre.

É um conceito recente, que propõe a mudança de olhar e de práticas, destacando a importância de garantir às crianças acesso a ambientes ao ar livre, áreas naturais e espaços comunitários para explorar, brincar e aprender.

Ao repensar e estruturar um planejamento que garanta o brincar ao ar livre, a equipe da Escola Educandário Espírita Maria de Nazaré promove uma mudança de paradigma na concepção do ambiente de aprendizado e do desenvolvimento infantil. Essa abordagem reconhece o valor intrínseco do brincar e oferece uma visão mais holística e integrada da infância, em que a brincadeira e a interação ocupam lugar de destaque no currículo.

Reflexão sobre a experiência

O desemparedamento da infância é um termo que descreve o movimento para ampliar os espaços de brincadeira e aprendizado das crianças, indo além das paredes tradicionais das salas de referência.

BRINCAR LIVRE NA CRECHE





Era assim, agora não

Uma experiência de organização de ambientes para atender às necessidades dos bebês

O que e como os bebês aprendem?



Essa pergunta motivou as professoras das turmas de bebês no CMEI Lydia Heringer Emerick a organizarem **contextos de aprendizagem** em espaços permanentes.

Muito há de se refletir sobre como o ambiente pode influenciar as relações entre crianças e adultos, ao favorecer a interação, a brincadeira, a **livre escolha**, o atendimento às necessidades individuais, a autonomia e a **acessibilidade**.

Essas foram reflexões que sustentaram o diálogo entre as professoras sobre a importância de organizar os ambientes para o brincar livre como propulsor de aprendizagens para os bebês. Suscitadas pelo entendimento de que:

ACESSIBILIDADE é a eliminação de barreiras no processo de ensino aprendizagem, garantindo o pleno acesso e a participação de todas as crianças.

quando se permite que uma criança experimente um objeto e tente todas as ações diferentes que pode fazer com ele, ela descobre suas propriedades. Descobre que o mundo tem sentido e também se dá conta que é capaz de entendê-lo. Em todos os níveis de seu desenvolvimento, sua própria ação a ajuda a aprender a fazer coisas que lhe dão, de alguma maneira, um sentimento de êxito (Kálló; Balog, 2021, p. 18).

Era assim

Em um momento de formação contínua, as professoras ou professores do CMEI Lydia Heringer Emerick destacaram importantes desafios em suas práticas com os bebês:

- Necessidade de escutar as crianças para reorganizar o espaço com foco em seus interesses.
- Dificuldade das crianças em manter o interesse nas brincadeiras propostas.
- Dificuldade dos adultos em atendê-las em suas necessidades individuais e de sanar conflitos entre elas na disputa por brinquedos ou espaços.

Diante desses desafios, as professoras, com o apoio da supervisora e diretora, começaram uma discussão sobre o brincar na prática cotidiana com os bebês. Isso possibilitou que compreendessem **como se brinca nessa faixa etária** e verificar se o que estava sendo oferecido às crianças atendia às suas necessidades e interesses.

Por meio dessas reflexões, o grupo de

professoras percebeu que os espaços eram pensados somente para atividades em grande grupo, com pouca ênfase no brincar e na diversidade de materiais. Sendo assim, as crianças estavam sempre envolvidas em uma única atividade, direcionada pelo adulto, com prejuízo para suas necessidades, interesses e protagonismo.

Era preciso mudar a prática pedagógica. O ponto de partida: planejar **a reorganização dos espaços.**

Para saber mais



Caderno de orientação: assim se organiza o ambiente – Paralapraca, disponível



Clique aqui para acessar





Os momentos formativos vivenciados pela equipe da escola balizaram a experiência, visto que propiciaram estabelecer relações significativas sobre a função do espaço na escola. Era necessário organizar espaços e materiais a partir das necessidades de desenvolvimento e aprendizagem dos bebês, ou seja, com maior intencionalidade pedagógica no planejamento. O primeiro movimento da equipe para estruturar esse planejamento foi observar. Como eram os espaços: não delimitados, pouca ou nenhuma opção para

as crianças, materiais guardados em caixas, em armários fora do alcance delas, que vinham para o chão somente no momento da vivência, com pouca preocupação com sua organização estética. Esses foram os primeiros pontos de intervenção no planejamento. Como era a rotina das crianças: as propostas eram oferecidas uma após a outra, sem tempos e espaços de transição entre uma e outra, longos tempos de espera e falta de autonomia na movimentação das crianças pelo espaço. Repensar a jornada dos bebês era necessário.



Mão na massa para transformar a prática

Foi um começo de muita pesquisa e levantamento de possibilidades para atender à realidade da escola. Toda a equipe estava empenhada em buscar boas referências para alimentar o planejamento e realizar intervenções no espaço escolar.

O planejamento inicial teve muitas idas e vindas, pois necessitava ser constante a observação do que estava ou não funcionando na relação das crianças com o espaço. Foi um movimento contínuo de planejar, desenvolver, observar e repensar.

Em muitos momentos, até mesmo descartar algumas ideias, encarar frustrações e enfrentar medos.



Clique aqui para acessar





“

No início não foi fácil, porque a gente não observava as necessidades das crianças. Antes, a gente via só a nossa necessidade, dos adultos: de deixar as crianças mais quietas, sentadas. Geralmente, quando é para mudar a nossa prática, a gente tem uma resistência muito grande.”
(Sueli dos Santos Pugas Porto, professora do CMEI Lydia Heringer Emerick)

Aos poucos, os primeiros ambientes foram materializados. A escolha dos espaços e materiais ganhou intencionalidade a partir da escuta das necessidades e interesses das crianças. As professoras perceberam que uma boa estratégia seria organizar os espaços permanentes de transição durante a jornada diária, com contextos significativos, a fim de garantir aprendizagens e a autonomia das crianças.

“

Os ambientes foram criados com o intuito de estimular as crianças a brincarem em pequenos grupos e também como apoio ao professor nos momentos de transição. Foram planejados e organizados para favorecer a interação. Organizamos os espaços da parte interna e externa. Inicialmente, tivemos algumas dificuldades, tanto na construção quanto na organização e participação das crianças, mas pudemos observar que já estão explorando os espaços com autonomia.”
(Jeane Gonçalves Tomaz e Rosimary Alves Pereira Dutra, professoras da turma de crianças da creche II do CMEI Lydia Heringer Emerick)





Clique aqui
para acessar



A divisão de tarefas, o acompanhamento da dupla gestora, o empenho das professoras na escolha e busca pelos materiais garantiu o sucesso dessa experiência. O trabalho da dupla gestora foi de vital importância, pois possibilitou que as discussões se transformassem em ações.

A supervisora assumiu a formação continuada das professoras. Alimentou o planejamento com referências práticas e teóricas, imagens de ambientes e sugestões de materiais. A diretora assegurou as condições de infraestrutura

necessárias para que o trabalho tivesse continuidade. Parceria fundamental para apoiar as professoras em suas inseguranças iniciais, fortalecer a prática docente e consolidar a proposta pedagógica da escola.



Clique aqui
para acessar



Agora não



“

O que mudou foi o nosso olhar. Nós tínhamos os espaços, mas eles não eram tão bem aproveitados. Eu observo que o movimento das crianças é bem diferente do que tínhamos. Elas agora criam e inventam suas próprias brincadeiras e aprendem com mais significado. Elas estão mais tranquilas no ambiente escolar devido à diversidade dos materiais e espaços organizados para elas. Isso tudo a partir desse novo olhar para as crianças.”

(Lucineide Meireles Bueno, diretora do CMEI Lydia Heringer Emerick)



Agora é assim:

- a escola é pensada para as crianças. Todos os espaços internos e externos são organizados para atendê-las nos diferentes momentos da jornada diária.

- as crianças usam todos os espaços, sentem-se à vontade, conseguem realizar as propostas com prazer e os materiais não ficam mais guardados e sim expostos e acessíveis.
- as crianças transitam pelo espaço com

autonomia e escolhem com o que e com quem brincar.

- as crianças têm diversidade de materiais acessíveis e os ambientes são pensados para assegurar suas explorações.



- elas interagem em pequenos grupos, brincando de acordo com seus interesses.
- elas são atendidas em suas necessidades com maior rapidez. O espaço funciona como um educador, favorecendo que a professora ou professor possa atender às individualidades, enquanto o restante do grupo está envolvido na proposta.
- valoriza-se a organização estética do ambiente, em vez de focar apenas em oferecer somente materiais estruturados.
- as professoras ou professores se interessam nas pesquisas e explorações das crianças.
- as crianças estão mais calmas e envolvidas nas vivências.
- espaço funciona como um educador, favorecendo que o adulto possa estar mais voltado à observação intencional das ações das crianças.
- a escola garante transições tranquilas de uma atividade à outra durante a jornada dos bebês.

- há um espaço montado e voltado para os bebês, com propostas permanentes que propiciam a convivência entre os grupos, em sistema de rodízio, em que todos podem ocupar os diferentes espaços.
- a escola é uma extensão da casa das crianças, pois elas se sentem pertencentes ao espaço.



Após a organização dos espaços permanentes, pude observar o quanto mudou toda a rotina escolar. Além das mudanças pessoais em nós, adultos, na nossa postura, houve também a mudança por parte das crianças. Elas estão muito mais calmas, tranquilas. Melhorou muito a interação entre elas e também com os adultos. Estão mais concentradas e permanecem mais tempo nas vivências, possibilitando que muitas trocas e experiências aconteçam entre elas. A escola tem se tornado cada vez mais acolhedora e aconchegante, pois é um espaço convidativo para as crianças brincarem. E tudo isso só está sendo possível porque foi uma ação conjunta, entre todos os funcionários da escola.”

(Elisabete Rodrigues Lima e Sueli dos Santos Pugas Porto, professoras do CMEI Lydia Heringer Emerick)



Clique aqui
para acessar



Reflexão sobre a experiência

Pensar espaços para os bebês envolve uma abordagem cuidadosa, que leva em conta, entre outras coisas, a segurança, o conforto e o bem-estar emocional. Um ambiente bem planejado não só apoia o desenvolvimento saudável dos bebês, mas também cria um espaço no qual mães ou pais e cuidadoras ou cuidadores podem desfrutar de momentos significativos e

enriquecedores com seus pequenos.

Em muitos lugares, a organização dos espaços da creche ainda sofre influência do paradigma tradicional, caracterizado pelo espelhamento na escola de ensino fundamental e a centralidade na pessoa do adulto, em detrimento das necessidades de aprendizagem dos bebês.

A experiência do CMEI Lydia Heringer Emerick rompe com o paradigma educacional tradicional ao organizar um ambiente multissensorial, centrado nas crianças, para que elas possam viver

plenamente um processo investigativo que gera desenvolvimento e bem-estar global.



TRANSFORMAR ESPAÇOS EM AMBIENTES DE QUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL



Caixa de saberes

Uma estratégia para assegurar a organização de ambientes

Como superar o desafio de organizar ambientes de qualidade e guardar os materiais para compor esses ambientes em escolas com espaços reduzidos? Essa foi a principal discussão entre os profissionais do CMEI Célia dos Santos Oliveira de Jesus: transformar **espaços em ambientes de qualidade**, superando a restrição do espaço físico.

A escola conta com pouco espaço externo. O único existente é cimentado, sem nenhum contato com elementos naturais. Sendo assim, havia dificuldade em garantir a interação e brincadeiras como elementos fundantes do currículo.

Brincadeiras ao ar livre não tinham lugar na rotina das crianças, que passavam muito tempo em atividades nos espaços internos da unidade.

Motivada pela necessidade de potencializar as relações das crianças com adultos, com os espaços e materiais, a equipe começou a pensar o planejamento com foco na qualificação das brincadeiras. O objetivo era que as crianças tivessem seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento garantidos a partir da organização intencional dos **ambientes**.

Espaços: refere-se ao local para a atividade, caracterizado pelos objetos, materiais didáticos, mobiliário e decoração.

Ambiente: conjunto do espaço físico e das relações que nele se estabelecem (Forneiro, 1998).

A forma como os espaços são organizados comunicam as concepções, as crenças e os valores das pessoas que o habitam, além de influenciar e regular suas ações e comportamentos, sejam eles crianças ou adultos (Goiás, 2020).

Para saber mais



Caderno de orientação: assim se organiza o ambiente – Paralapraca, disponível



Clique aqui para acessar

O problema

No que diz respeito às aprendizagens que o espaço promove, as reflexões na formação da rede despertaram o olhar das supervisoras para os espaços internos e externos. Ao perceberem a importância desses espaços no desenvolvimento das crianças, discutiram com as professoras e professores a relação das crianças “com” e “no” **espaço**.



Essa discussão levou a equipe a pensar em soluções que possibilitassem a utilização do espaço externo, a fim de potencializar a organização de contextos de aprendizagem, bem como favorecer as relações entre crianças de diferentes faixas etárias.

“

Devido à falta de espaço ao ar livre, seu uso era restrito e precisava ser cronometrado. As crianças mal tinham tempo para brincar fora das salas e os espaços não eram pensados intencionalmente. Foi preciso pensar em estratégias que aumentassem o tempo de brincar e as opções que as crianças teriam. Ainda era necessário facilitar a prática dos professores na organização, na escuta ativa das crianças, na participação e autonomia.”

(Janaína Veras de Sousa Conelheiro, supervisora pedagógica do CMEI Célia dos Santos Oliveira de Jesus)

A equipe compreendeu que uma simples arrumação não resolveria o problema da falta de espaço. Era necessário estabelecer uma prática docente pautada no brincar e no interesse das crianças, enfrentando outros desafios, como o grande número de turmas, a falta de lugar para guardar os materiais, pouco tempo para os professores organizarem os ambientes e a pequena participação e autoria das crianças no espaço.





“

A falta de autoria das crianças nos murais da escola também era muito significativa e, por isso, também refletimos sobre a importância de valorizar as produções das crianças e, como isso, poderia ajudar no processo de colocar a identidade das crianças nos espaços e materiais. As formações traziam boas referências de espaços que poderíamos adaptar para a nossa realidade.

(Janaína Veras de Sousa
Conelheiro, supervisora
do CMEI Célia dos Santos
Oliveira de Jesus)

Assim, os espaços foram **pensados e planejados** a partir da escuta e parceria entre crianças e adultos. Para iniciar o planejamento, as professoras e professores destacaram quais situações precisavam de um novo olhar, evidenciando onde estavam e aonde queriam chegar.

Para saber mais



Os ambientes não são neutros. Eles são organizados a partir das nossas experiências e de como acreditamos que devem ser as relações que serão ali vivenciadas.

A organização dos ambientes em uma instituição de Educação não está ligada apenas às condições materiais e institucionais, mas também às nossas concepções sobre criança e educação.

Se consideramos uma criança autônoma, exploradora e criadora de sentidos, é preciso pensar um espaço e uma educadora ou educador que deem apoio aos seus movimentos, que incentivem sua autoria e autonomia, que contribuam para a diversificação de suas possibilidades, que revelem uma preocupação estética. Assim, esse ambiente traduzirá o cuidado e as intenções educativas com as crianças.



Clique aqui
para acessar



Pontos de partida

A postura dos adultos

Por conta da estrutura predial, havia uma preocupação excessiva com as escadas, elevadores e ida aos sanitários.

A **mediação** era centrada na segurança, visto que as professoras ou professores tinham medo de as crianças se machucarem, de caírem, de ficarem trancadas. Isso não facilitava a autonomia e independência das crianças, pois a utilização dos espaços era organizada em grandes grupos, com o direcionamento do adulto, numa rotina fixa de utilização dos espaços pelas turmas, o que também não favorecia a atenção às individualidades e necessidades de cada criança.

Planejamento da rotina

Pela quantidade de turmas, as crianças tinham somente 20 minutos para momentos ao ar livre e nem sempre esse acesso ao espaço era diário.

A rotina não favorecia momentos em pequenos grupos, interação entre turmas ou faixas etárias. Esse momento não era planejado para garantir boas experiências às crianças:

todas permaneciam em uma única proposta, direcionada pelas professoras ou pelos professores.

Paredes

As paredes da escola não revelavam a autoria das crianças, nem comunicavam o que estavam aprendendo.

Os murais eram feitos pelas professoras ou pelos professores com o uso do EVA e pouca participação das crianças, o que tomava muito tempo da professora ou professor e não valorizava as produções infantis. Famílias e crianças não se sentiam pertencentes ao espaço escolar.

Espaços de brincar

Na maioria das salas de referência, as mesas eram enfileiradas ou em duplas. As crianças seguiam uma rotina fixa do brincar de acordo com a disponibilidade dos espaços ou brinquedos, atendendo à necessidade da professora ou professor, a de manter a turma concentrada numa mesma atividade. Isso também acontecia no espaço externo, em detrimento da valorização da brincadeira como parte da rotina.



Clique aqui
para acessar



Hora de planejar

A **diversidade de materiais** desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral das crianças. Mais do que simples recursos didáticos, esses

elementos são pilares essenciais para criar ambientes educativos ricos e estimulantes, capazes de atender às múltiplas necessidades e interesses das crianças.

Cada criança é única, com diferentes estilos de aprendizagem, ritmos e experiências de vida.

Assim, a diversidade de materiais oferece oportunidades para todas explorarem o mundo de maneira ampla e significativa, ampliando seus horizontes culturais. Cada material é uma janela para novas descobertas e aprendizados.



Por essas razões, a diversidade dos materiais e ambientes foi um ponto de investimento das educadoras ou educadores. Materiais não estruturados, de jogo simbólico, elementos da natureza, entre outros, foram coletados por funcionários, famílias e crianças, numa ação coletiva para organizar ambientes de qualidade. Para enfrentar o desafio de guardar os materiais recolhidos de maneira organizada, prática e funcional, surgem as caixas de saberes.

“

Precisávamos de uma estratégia que fosse viável e que comportasse uma boa quantidade de materiais por causa da quantidade de turmas. Assim, surgiram as caixas de saberes. Primeiramente, a ideia era fazer um carrinho por andar, mas logo vimos a necessidade de termos vários carrinhos e de uso coletivo. Um professor fez a marcenaria e montou os carrinhos que foram pintados pelos alunos,

utilizando desenhos autorais. Depois, foi pensado em organizar por característica do material em cada um deles, sendo: um carrinho de materiais não estruturados, um carrinho de objetos de cozinha, um carrinho natureza, um carrinho da psicomotricidade, um carrinho de jogos e outro com diferentes tipos de materiais estruturados que também favorecem os jogos simbólicos.”
(Janaína Veras de Sousa Conelheiro, supervisora do CMEI Célia dos Santos Oliveira de Jesus)





A ideia de separar os materiais em carrinhos facilitou o trabalho das professoras ou professores. Ao planejar os ambientes, eles pensaram os espaços com os diferentes recursos disponíveis nas caixas. Isso facilitou a organização dos contextos e a mobilidade dos recursos pelo espaço.

Agora, as professoras ou professores utilizam os espaços circunscritos para a montagem dos ambientes, organizados por eles próprios ou com a ajuda das crianças. Uma dupla ou trio de professoras ou professores planeja e organiza os ambientes a partir da escuta atenta dos interesses das

crianças, com foco na brincadeira, exploração e investigação. Algumas vezes, os espaços ficam montados para atender a diferentes turmas, em horários acordados.



Pontos de chegada

A postura dos adultos

A compreensão de que é necessário apoiar as crianças diante de tantos desafios espaciais promoveu maior autonomia entre elas. Percebe-se a postura das crianças ao subir e descer as escadas cuidando de si e do outro e na exploração dos ambientes de maneira segura e autônoma. Crianças transitam por toda a escola, saindo do térreo e indo até o segundo andar para explorar os ambientes organizados com e para elas.

Planejamento da rotina

Com a possibilidade de duas ou mais turmas estarem juntas num espaço, garantiu-se maior tempo de exploração dos ambientes (entre 40 e 60 minutos), oportunizando que as crianças estejam com outras turmas e brinquem em pequenos grupos, de acordo com suas preferências.

Para isso, a rotina precisou ser reestruturada a partir da escuta dos interesses das crianças. Cronogramas foram firmados e contextos de aprendizagem organizados, de modo a fomentar a brincadeira entre pares.

Paredes

As paredes da escola foram povoadas de produções autorais e cheias de significados. As crianças ficam empolgadas em mostrar sua produção para suas famílias no momento da saída. O EVA perdeu lugar e foi substituído por suportes diversos, com diferentes composições das crianças.



Espaços de brincar

A disposição das mesas mudou para acomodar pequenos ou grandes grupos, segundo a intencionalidade da ação ou da atividade. Os espaços circunscritos, priorizando a montagem dos espaços de brincar, passaram a ocupar lugar de destaque.



Clique aqui
para acessar



O solário e o hall de entrada do 1º andar são utilizados diariamente, assim como os corredores e espaços externos. O brincar ganhou mais significados para adultos e crianças. Agora, as crianças podem explorar, investigar, escolher e construir sua própria brincadeira, ter acesso a diferentes tipos de materiais não estruturados, dispostos em ambientes dentro e fora da sala e ao seu alcance.

Atualmente, é comum ver as crianças usarem objetos não estruturados, dando função a eles de acordo com sua imaginação. Além disso, participam e cuidam dos ambientes e recursos, deixando tudo organizado no final da brincadeira.



Clique aqui
para acessar



Reflexão sobre a experiência

Planejar bem os ambientes para as crianças, especialmente na Educação Infantil, é fundamental para criar um espaço que não apenas apoie, mas também potencialize o processo de aprendizagem. O planejamento deve ser flexível o suficiente para se adaptar às mudanças nas práticas pedagógicas, às necessidades das crianças e aos desafios que possam surgir.

Tudo isso requer revisões regulares e ajustes para garantir que os espaços continuem atendendo, de forma eficaz, às necessidades em constante evolução de crianças e educadores — ponto essencial no percurso dos educadores do CMEI Célia dos Santos Oliveira de Jesus na busca pela garantia dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças elencados na BNCC da Educação Infantil.



“

A palavra é processo. Temos vivenciado uma discussão contínua sobre a organização desses materiais e da utilização dos espaços. É um processo de aprendizagem para nós e para as crianças também. No início, tínhamos muito receio, porque vínhamos de uma prática diferente, pouco diversa, mais tradicional. Essa discussão melhorou muito o meu planejamento e acredito que dos outros professores também, pois a disponibilidade dos materiais nos dá mais

clareza do que planejar para as crianças e como organizar os espaços, inclusive incluindo nas propostas o que elas apontam de interesses com os materiais. Fica evidente agora o protagonismo das crianças no espaço.”

(Johne Silva Passos, professor do CMEI Célia dos Santos Oliveira de Jesus)



Clique aqui
para acessar



Referências

- ☐ ASSIM se brinca - Por que brincar na escola? - Tânia Fortuna. [S. l.: s. n.], 2023. 1 vídeo (4 min 20 s). Publicado pelo canal Avante - Educação e Mobilização Social. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Gxwuj7EvfY8&list=PLbDiLLd6Hetbfo-nfT75ItsSEGP7jDQ_J&index=3. Acesso em: 4 nov. 2024.
- ☐ ASSIM se organiza o ambiente. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (12 min 11 s). Publicado pelo canal Avante - Educação e Mobilização Social. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FZm6blu1Bic>. Acesso em: 4 nov. 2024.
- ☐ ASSIM se organiza o ambiente. Paralapraca, 2013 a 2017. Disponível em: <https://paralapraca.avante.org.br/assim-se-faz/experiencias-pedagogicas/assim-se-organiza-o-ambiente>. Acesso em: 4 nov. 2024.
- ☐ AUBERT, A. et al. Aprendizaje dialógico en la sociedad de la información. Barcelona: Hipatia, 2008.
- ☐ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil. Secretaria de Educação Básica. Brasília, DF, 2010.
- ☐ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF, 2017.
- ☐ BUITONI, B. S. De volta ao quintal mágico - educação e arte na pré-escola. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- ☐ ESPAÇOS e intencionalidades. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (2 min 43 s). Publicado pelo canal Avante - Educação e Mobilização Social. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=akkGKePIEs4&t=62s>. Acesso em: 4 nov. 2024.
- ☐ ESPAÇOS fora do berço. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (1 min 42 s). Publicado pelo canal Avante - Educação e Mobilização Social. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v1fd3gfLDco>. Acesso em: 4 nov. 2024.
- ☐ ESPAÇOS, materiais e relações com bebês. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (3 min 25 s) Publicado pelo canal Avante - Educação e Mobilização Social. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pZ4zDyhvKEs>. Acesso em: 4 nov. 2024.
- ☐ FLECHA, R. Compartiendo palabras. Barcelona: Paidós, 1997.
- ☐ FOCHI, P. Afinal, o que os bebês fazem no berçário? Comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto e vida coletiva. Porto Alegre: Penso, 2015.
- ☐ FOCHI, P. Mini-histórias: rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil - Obeci. Santa Maria: Penso, 2019.
- ☐ FORNEIRO, L. I. A organização dos espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, M. A. Qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 1998.



- ☐ GOIÁS (Estado). Secretaria de Educação do Estado de Goiás. Planejamento docente na Educação Infantil: coordenação Estadual para implementação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Goiânia: Consed; Undime-GO; DC-GO – Ampliado, 2020.
- ☐ HORN, M. da G. S. Brincar e interagir nos espaços da escola infantil. Porto Alegre: Penso, 2017.
- ☐ HORN, M. da G. S. BARBOSA, M. C. S. Abrindo as portas da escola infantil: viver e aprender nos espaços externos. Porto Alegre: Penso, 2022.
- ☐ KÁLLÓ, E. BALOG, G. As origens do brincar livre. 2. ed. Coleção primeira infância. Omnisciência. São Paulo, 2021.
- ☐ LÜCK, H. A gestão participativa na escola. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ☐ MARTINI, D. et al. Educar é busca de sentido: aplicação de uma abordagem projetual na experiência educativa de 0 a 6 anos. São Paulo: Ateliê Carambola – Escola de educação Infantil, 2020.
- ☐ RAMOS, E. O que é essa tal prática de desemparedamento da infância? Portal Lunetas, 17 jan. 2023. Disponível em: <https://lunetas.com.br/o-que-e-essa-tal-pratica-de-desemparedamento-da-infancia>. Acesso: em 19 ago. 2024.
- ☐ RIBEIRO, T. Brincar livre: o que acontece quando a sociedade confia na força do brincar? Aliança pela Infância, 25 maio 2022. Disponível em: <https://aliancapelainfancia.org.br/inspiracoes/brincar-livre-o-que-acontece-quando-a-sociedade-confia-na-forca-do-brincar>. Acesso em: 19 ago. 2024.
- ☐ RINALDI, C. Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- ☐ VENTOSA, V. J. Didática da participação. Teoria, metodologia e prática. Tradução de Newton Cunha. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

Experiências de fortalecimento da relação entre escola, família e comunidade

“

“É necessário que o processo educativo não mais seja reduzido aos limites da escola, mas que passe a relacionar-se mais além de seus muros, passe a relacionar-se com o bairro, a comunidade, as famílias dos estudantes e com seu entorno.”
(Silva; Ansara, 2014)





Roda de Conversa – Promoção de parceria entre escola e família

“

As Rodas foram importantes para abrir os olhos dos pais de que não adianta somente comprar os materiais escolares, mas que sua presença é importante e esperada pelas crianças. Hoje, os pais estão mais presentes nas atividades escolares”.
(Cristiane da Silva Saavedra, mãe, presidente do Conselho Escolar)

Como a Roda de Conversa passou a fazer parte do trabalho da escola?

A gestora Marli Dias da Cunha assumiu a direção da escola em 2021. Na primeira reunião, de 259 crianças matriculadas, compareceram 30 familiares responsáveis. Naquele momento, ela teve a certeza de que estratégias deveriam ser desenvolvidas para aproximar as famílias da escola.

A parceria entre escola e família é um dos aspectos mais desafiadores do trabalho de professoras ou professores e gestoras ou gestores escolares. A equipe do Centro Municipal de Educação Básica Professor Belim encontrou na Roda de Conversa um meio para enfrentar esse desafio.

O CMEB Professor Belim atende à Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. No total, são 401 crianças, entre as quais 221 com alguma deficiência (dados de 2023).



Marli compartilhou esse desafio nos encontros de formação da tecnologia “Fortalecimento da relação escola, família e comunidade”, dando início a um processo de reflexão que chegou à escola e resultou no “Projeto Esperança: processo dialógico entre escola e pais”, cuja primeira ação foi organizar Rodas de Conversa com os familiares.

Afinal, o que é uma Roda de Conversa?

Essa pergunta levou a estudos sobre a metodologia, nos quais a equipe descobriu que a Roda de Conversa não se resume a colocar pessoas em círculo para ouvir uma palestra. Os educadores perceberam que ela é, na verdade, um espaço de diálogo e colaboração, que permite qualificar a escuta das famílias e construir ações educativas conjuntas.

“

Escutar as famílias proporcionou conhecer sua realidade, seus anseios, inseguranças e contribuições.”

(Leila Oliveira Cardoso, supervisora pedagógica)





Ingredientes

Participação educativa é quando as famílias e outros membros da comunidade participam de momentos educativos direcionados a eles e oferecidos de acordo com suas necessidades.

Os **princípios da aprendizagem dialógica** são a base desse projeto, que tem por objetivos escutar as famílias e promover a **participação educativa** e decisória, gerar pertencimento, conhecimento e segurança em relação ao trabalho desenvolvido na escola, refletir com as famílias sobre seu papel no desenvolvimento das crianças e ampliar seus conhecimentos sobre como podem contribuir para a aprendizagem das crianças.

Ingredientes da Roda de Conversa

Facilitadora ou facilitador

- Cuida do clima afetivo.
- Constrói combinados (tempo de fala, respeito às opiniões de todos, escuta do outro etc.).
- Domina o assunto que será tratado.
- Mantém o foco no tema escolhido para a roda.
- Cuida para que a palavra circule entre aqueles que desejam falar.
- Explicita questões que forem surgindo na conversa.
- Promove reflexões coletivas.
- Sintetiza discussões para promover encaminhamentos.
- Fecha a roda solicitando aos participantes uma breve avaliação do momento.

O conceito de **aprendizagem dialógica** foi elaborado por Flecha (1997), que diz respeito a como conceber a aprendizagem e as interações, composto por princípios integrados que orientam a prática. São eles:

Diálogo igualitário: o poder está na argumentação.

Inteligência cultural: todas as pessoas são capazes de contribuir na construção de soluções coletivas.

Transformação: trabalho coletivo em prol de um objetivo comum é a base para transformar.

Dimensão instrumental: ampliação dos conhecimentos da comunidade escolar sustenta a transformação.
Criação de sentido: ações coletivas para alcançar objetivos comuns tecidos em diálogo.

Solidariedade: luta coletiva para garantir os direitos de todos.

Igualdade de diferenças: diversidade como fonte de conhecimentos.

Relatora ou relator

- Escuta com atenção e registra os conteúdos das falas dos participantes para gerar informações úteis para futuras decisões pedagógicas.

Organizadora ou organizador das falas

- Faz as inscrições para as falas.

Controla o tempo das falas conforme o combinado com os participantes, a fim de garantir que quem quiser falar tenha tempo para isso.

A equipe da escola acrescentou

- Trocas entre duplas (ou trios) para promover mais interação e ampliar o conteúdo das conversas em Rodas com participação das crianças.

“

“Gostei das minhas provas, dos meus desenhos. Fiz colagem de uma flor com dobradura. Sempre gostei muito disso. Foi simples. Foi legal.”

(Isac, estudante do 4º ano, falando sobre seu portfólio de aprendizagem na Roda de Conversa)



“

“Eu gostei de poder falar e de ser ouvida.”

(Thauana, estudante do 4º ano, quando perguntada sobre como foi participar da Roda de Conversa)



Modo de preparo

Repensar o dia do Conselho de Classe foi a primeira ação do Projeto Esperança. Para tanto, a gestora Marli formou

uma **comissão mista**, que deliberou por incluir Rodas de Conversa com as famílias nas atividades do Conselho.

As **comissões mistas** são formadas por alunas ou alunos, famílias, professoras ou professores, voluntariado e/ou outros profissionais de Educação (integrando a diversidade de perfis que compõem a comunidade educativa).

“

“Viver o Projeto Esperança, com seu enfoque no diálogo entre a escola e os pais, foi uma experiência enriquecedora. A Roda de Conversa proporcionou um espaço acolhedor para discutir o pertencimento e a importância dos pais na escola.”

(Maria Gorete Cardoso, professora)





Como funcionaram as primeiras Rodas de Conversa do CMEB Belim?

Preparo

Formar equipe gestora de professoras ou professores para mediar as Rodas de Conversa. A Avante – Educação e Mobilização Social formou um grupo de educadores da escola, que formaram as demais professoras ou professores.

“

A princípio, foi necessário compreender que o processo dialógico tem como premissa o falar, ouvir, responder, escutar e compreender. Foi necessário assimilar que o falar do mediador estava em dar um ponto de partida para o outro se comunicar e ser ouvido. E o mais importante de tudo: sentir-se pertencente.”

(Amanda Cristina Rubim, professora)

Mobilizar as famílias: a equipe da escola mobiliza as famílias por meio de reuniões informativas, conversas nos horários de entrada e saída, convites escritos pelas crianças,

WhatsApp e redes sociais. Organizar o espaço escolar: o espaço é organizado para acolher as mães e os pais e comunicar sobre o trabalho da escola. O CMEB Professor Belim arrumou o espaço com flores, exposição de materiais pedagógicos, livros, mensagens de carinho, mural com fotos das crianças e serviu um lanche com alimentos que as crianças consomem no dia a dia.

Processo

Recepcionar as famílias: professoras ou professores recebem as famílias. Uma professora ou um professor e uma estagiária ou estagiário acompanham os familiares ao pátio da escola para as boas-vindas e explicações sobre o propósito das Rodas e como elas acontecem.



Realização das Rodas de Conversa: a gestora convida as famílias para o local. Na chegada, cada participante recebe um cartão com um número atrás. As Rodas são formadas por famílias de turmas diversas, para atender ao princípio da igualdade de diferenças, segundo o qual a

diversidade é fonte de conhecimentos.

Cuidado com o clima afetivo: a mediadora ou mediador retoma o propósito da Roda e convida a todos a se apresentarem e dizer como estão se sentindo naquele momento.



A conversa começa por meio de perguntas elaboradas com base no pressuposto de que a Roda é um espaço reflexivo que possibilita uma participação educativa centrada na pessoa por meio da **reflexão sobre si** (Rogers, 1977).

Perguntas:

- Qual a lembrança que você tem das mães ou dos pais na sua escola quando você era criança?

A **reflexão** é o ato ou o processo por meio do qual o homem considera suas próprias ações. (Abbagnano, 2007).

A essência da reflexão é trazer os aspectos inconscientes para uma tomada de consciência, para que, desse modo, as pessoas se tornem mais sensíveis aos aspectos mais importantes das situações educativas (Korthagen, 2009).

- Qual a primeira lembrança da sua participação na escola de seu filho?
- Como você pode participar ativamente das atividades escolares de seu filho?
- Quais pontos positivos serão alcançados com a sua participação na escola?

Para futuras decisões pedagógicas, o relator registra as falas dos familiares.



Clique aqui
para acessar



Resultados

Reuniões em formato de Roda de Conversa, não mais centralizadas nas falas dos educadores, o que afastava as famílias da escola. Diferente do que se pensava, constatou-se que os familiares têm interesse em participar da vida escolar quando têm a oportunidade de expressar suas opiniões e serem ouvidos.



“

Nós tínhamos a percepção que os pais só gostariam de estar na escola para buscar resultados de aprendizagem. Durante as Rodas de Conversa, percebemos que não é isso. Os pais gostam de participar mais ativamente. Eles querem ter voz e vez. Eles têm sugestões a dar. Os pais mudaram a percepção e entenderam que, para nós, a presença deles é importante. Pude ouvir as colocações, as angústias, a gratidão e sentir a emoção de cada familiar presente, que, naquele momento, não era apenas um pai ou mãe que viria para pegar resultados, mas sim uma pessoa com emoções, sentimentos, vivência, história, passado, traumas, medos, inseguranças. Que tem vontade de falar, de se posicionar.”

(Amanda Cristina Rubim, professora)



Reflexão sobre a experiência

A experiência do Centro Municipal de Educação Professor Belim remete a Warschauer (2001), o qual afirma que a Roda está a serviço das pessoas. Assim, cuidar da qualidade das interações durante a Roda é fundamental. Os profissionais da escola estão fazendo isso e conseguindo promover o acolher e ser acolhido, a paciência de falar e ouvir, a amorosidade, o respeito e o encontro com o outro, essenciais para construção da parceria entre família e escola.





“

Com o projeto, hoje, temos uma realidade totalmente diferente. Os familiares passaram a fazer parte de uma fase importante da vida dos filhos, compartilhando valores também sobre educação, proporcionando apoio e orientações consistentes. Conseguimos trazer a maioria das famílias, conhecer seus anseios, suas histórias de vida, expectativas e sonhos para incorporar nas nossas metodologias. Assim, avançar na participação e interação das famílias com a escola e, conseqüentemente, na aprendizagem dos alunos.”

(Leila Oliveira, supervisora pedagógica)



Clique aqui
para acessar



PROMOVER APRENDIZAGEM COOPERATIVA





Grupos interativos

“Participar de um grupo interativo é fundamental para acelerar o aprendizado de todos, além de desenvolver valores e sentimentos como amizade e solidariedade.”
(Tassiano Gonzaga Gabriel, professor)

Após a pandemia de covid-19, a dificuldade de aprendizagem de crianças do 3º ano do Ensino Fundamental tem sido um dos maiores desafios para a equipe do Centro Municipal de Educação Básica Natália Aparecida Louzada Alves.

Como trazer a comunidade escolar para atuar no enfrentamento desse desafio? Para achar uma resposta a essa pergunta, João Valdisson Cardozo, gestor da escola, formou uma comissão mista, que decidiu pela implementação de grupos interativos, com o apoio da Avante – Educação e Mobilização Social e da coordenação pedagógica da Secretaria Municipal de Educação.

“

Foi um momento no qual estávamos todos interagindo junto às crianças. Foi possível perceber a interação mais direta dos educandos e dos docentes e a satisfação das famílias e da comunidade na atividade, tornando-a mais rica e produtiva.”
(Claudiana Dias, voluntária)



O **Grupo Interativo** consiste em uma estratégia baseada na diversidade e equidade, que promove um diálogo igualitário em benefício da aprendizagem. Trata-se de uma forma de organização, na qual a diversidade é essencial para que estudantes aprendam. Quando um dos integrantes do grupo tem dificuldade, consulta os colegas, colocando em jogo o princípio da solidariedade.

Grupos interativos é uma das sete ações educativas reconhecidas pela pesquisa INCLUD-ED (CREA, 2011) que alcançaram resultados de aprendizagem e uma melhoria na convivência escolar em vários contextos.



Clique aqui
para acessar



Modo de fazer

Preparo

Preparar os participantes: professor, crianças e voluntários participam do Grupo Interativo. Assim, é necessário que cada um compreenda seu papel.

- Professora ou professor: prepara diferentes atividades, uma para cada grupo, com a intencionalidade de aprofundar conteúdos que já tenham sido trabalhados com as crianças. No caso do CMEB Natália, o foco foi em leitura

- e escrita. Divide a turma em pequenos grupos heterogêneos, considerando o nível de conhecimento, habilidades, o gênero, a cultura, etc. Orienta os grupos durante a realização das atividades.





- Voluntárias ou voluntários: dinamizam e potencializam a interação entre os estudantes. Não ensinam nem explicam o conteúdo. Facilitam a interação, a fim de que as crianças ajudem umas as outras. A inteligência cultural das voluntárias ou voluntários é incorporada nessa interação.



Clique aqui
para acessar



“

“Nos reunimos com os parceiros, familiares que se fizeram presentes e contribuíram muito para a realização dos Grupos Interativos. Com eles, conseguimos uma interação bem grande entre os alunos. Cada criança vivenciou a atividade no seu tempo, uma criança poderia ajudar a outra.”
(Daulyson Adler Fonseca Lemos, professor)



- **Estudantes:** resolvem as atividades entre todos. Realizam essas atividades ora juntos, ora sozinhos. Quem termina primeiro ajuda os demais, incentivados pelo voluntário.



Tempo

Tempo estimado: duas horas para realização de três a quatro atividades por grupo.

Processo

- Professora ou professor recebe os voluntários e os apresenta para as crianças.
- Professora ou professor retoma o objetivo das atividades e a função de cada um.
- Voluntárias ou voluntários vão para os grupos.
- Professora ou professor entrega atividades diferentes para voluntário/grupo, que tem de 20 a 30 minutos para realizá-la.
- Grupos trocam de atividade após esse tempo.
- Professora ou

professor roda nos grupos para orientar cada estudante em relação a dúvidas de conteúdo.

- Professora ou professor encerra a atividade e agradece às voluntárias ou voluntários.

“

Foi incrível ter a oportunidade de poder estar na escola e ter essa vivência com os meninos. Foi a primeira vez que eu tive contato com crianças. Quando a gente está na faculdade, a gente vê tudo muito superficial. Isso foi algo que me motivou muito, fez com que eu abrisse um leque de oportunidades para eu poder entrar realmente na área pedagógica. Eu consegui me apaixonar e criar um vínculo maior com essa área a partir dessa ação.”
(Ana Beatriz, estudante de pedagogia, voluntária)



Clique aqui
para acessar



Resultados

- Crianças protagonistas de sua aprendizagem motivadas para aprender.
- Crianças aprendem sobre leitura, escrita e cooperação.
- Professoras ou professores contam com uma estratégia de aprendizagem cooperativa.
- Comunidade escolar envolvida na aprendizagem das crianças.
- Professoras ou professores, crianças e voluntárias ou voluntários qualificam suas interações.



A presença do voluntário estimula a participação de todos, facilitando as interações. Assim, os estudantes mais introvertidos ou com maior dificuldade têm a chance de se expressar mais, assumindo uma posição de vínculo com o grupo.”

(Tassiano Gonzaga
Gabriel, professor)



Reflexão sobre a experiência

Além dos princípios da aprendizagem dialógica, conceitos de Vygotsky (2003) foram colocados em prática nos Grupos Interativos. O pressuposto vygotskyano de que o desenvolvimento ocorre por meio das interações é central nessa estratégia de ensino e aprendizagem, pois a heterogeneidade enriquece essas interações e aprofunda o aprendizado.

Na experiência do CMEB Natália Aparecida Louzada Alves, a **Zona de Desenvolvimento Proximal** é guia para vencer o desafio de superar as dificuldades das crianças em leitura e escrita por meio dos Grupos Interativos.

A Zona de desenvolvimento proximal refere-se à distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar por meio da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, que ocorre a partir da solução de problemas com o auxílio de um adulto ou com a colaboração de companheiros mais capazes (Vygotsky, 2003).



FORTALECER RELAÇÕES E AMPLIAR O REPERTÓRIO CIENTÍFICO DA COMUNIDADE ESCOLAR



Tertúlia Dialógica à moda do CMEB Alda Vieira de Sousa

“Na Tertúlia, adota-se a escuta igualitária. Ninguém tem poder de fala maior que o outro.”
(Francisco Everton de Sousa Barros Júnior, gestor escolar)

A Tertúlia Dialógica nasceu nos anos de 1980 na escola de adultos La Verneda-Sant Martí, de Barcelona, Espanha. Chegou no Brasil por meio do Projeto Comunidades de aprendizagem. Pode ser literária e científica, envolvendo artes visuais, música e vídeos. É um encontro de uma a duas horas, no qual os participantes dialogam, refletem e constroem conhecimentos. Fortalecer a relação e a aprendizagem das pessoas é o foco dessa estratégia.

“

A Tertúlia é para enriquecer culturalmente a todos os envolvidos e, ao mesmo tempo, fazer com que eles se sintam parte do ambiente. A Tertúlia ajudou muito as pessoas que estavam participando a sentir que a escola os estava acolhendo. Uma coisa que me chama muita atenção na Tertúlia é que você não traz as pessoas para falar sobre a escola. Você traz as pessoas para sentirem a escola.”

(Francisco Everton de Sousa Barros Junior, gestor)



Gestor Francisco, à direita, e sua equipe na entrada da escola.



O CMEB Alda Vieira de Sousa incorporou a Tertúlia Científica em seu trabalho a partir de reflexões em um dos encontros de tecnologia “Fortalecimento da relação, escola, família e comunidade”, com ótimos resultados.



“

Quando a escola me convida para que eu compartilhe o meu conhecimento, eu me sinto muito importante. Para mim, foi um momento em que eu me senti privilegiada, eu me senti muito importante, porque a escola também queria me ouvir. Então, estar na escola do meu filho para poder aprender e compartilhar um pouco do meu conhecimento, para mim, foi algo muito importante, que nos engrandece como mãe, como ser humano, como profissional.”

(Nádia Fonseca, mãe de Murilo, 7 anos)

Preparo

Apropriar-se da metodologia:

é fundamental compreender o papel da mediadora ou mediador como organizadora ou organizador da conversa e facilitadora ou facilitador da participação. Não é apenas uma professora ou professor, mas a pessoa que assegura o diálogo igualitário.

Mobilizar a comunidade escolar:

a escola convida representantes dos segmentos da comunidade escolar por meio do WhatsApp. Com o convite, são enviadas

as informações sobre a Tertúlia. Quem se inscreve recebe um artigo científico, com explicação sobre como lê-lo.

“

Um dos pontos que me chamou atenção no convite foi que o gestor não estaria como diretor. Iriam professoras, mas não estariam como professoras para ensinar. Estaríamos todos iguais. Desde o momento em que fomos recepcionados na Roda de Conversa, foi exatamente isso

que a gente sentiu, que aqui ninguém sabia mais do que ninguém. A gente estava tanto para aprender como para ensinar.”

(Jaqueline Nobre, mãe de Ágata Valentina, 9 anos)

“

As pessoas que estavam ali presentes traziam sua bagagem cultural e a gente explanava sobre o assunto. Não tinha um que sabia mais que o outro. Ali era uma escuta igualitária, uma conversa igualitária. Todos nós estávamos em pé de igualdade.

(Francisco Everton de Sousa Barros Junior, gestor escolar)



Eliane, funcionária da limpeza, relacionando seu hábito de sono com o artigo.



Tainá contando para o grupo sobre o sono saudável de sua avó.

Escolher o tema do artigo: o tema atende a demandas formativas da comunidade, em coerência com o princípio da dimensão instrumental da aprendizagem dialógica, segundo o qual quanto mais conhecimentos científicos, mais condições e poder para agir em favor do bem-estar próprio e da comunidade.

Cuidar do clima afetivo: a equipe do CMEB Alda Vieira de Sousa investe na mediação e na organização do espaço para promover um clima acolhedor e favorável à participação. A biblioteca da escola é o ponto de encontro para as Tertúlias. A organização desse espaço é feita com a intenção de mobilizar a dimensão afetiva e a sensibilidade dos participantes.





“Fomos recebidos em um ambiente muito acolhedor. Foi um ambiente preparado no estilo de uma Roda de Conversa. Nós já tínhamos estudado o texto em casa e aí nós falaríamos sobre aquilo que mais tinha chamado nossa atenção. Compartilharíamos alguma vivência, alguma experiência, e foi um momento enriquecedor, porque nós compartilhamos com alguns pais, alguns professores e até alunos.”
(Nádia Fonseca, mãe de Murilo, de 7 anos)

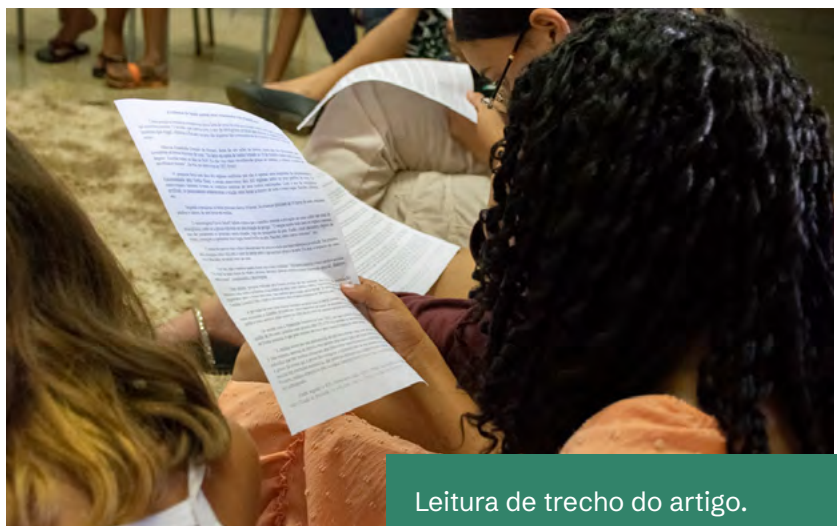
“

“Foi uma volta ao passado. Foi muito acolhedor, porque o ambiente preparado tinha fotos da história do que aconteceu ao longo dos anos aqui na escola. Eu encontrei fotos do meu início de carreira, de 20 poucos anos atrás. Mães de alunos nas fotos como aluna da escola, foi fantástico. Eu fiquei muito emocionada ao ver eu ali iniciando a carreira, cheia de sonhos, cheia de expectativas.”
(Giselda Alves de Souza, professora)

Processo

Recepcionar cada participante: a equipe da escola recepciona as participantes ou os participantes na biblioteca. Café, chá, guloseimas, flores e almofadas fazem parte da ambientação. As pessoas se aproximam, conectam-se com sua dimensão afetiva. A pessoa que faz a mediação solicita que as pessoas expressem em uma palavra como se sentem naquele momento.

Refletir a partir do artigo: retoma o artigo, as características da Tertúlia e como ela acontece. Informa que quem quiser falar precisa se inscrever e que as falas serão pela ordem de inscrição. Certifica-se de que as pessoas presentes compreenderam e abre o primeiro turno de fala e quantos mais forem possíveis no tempo de 1 a 1 hora e meia.



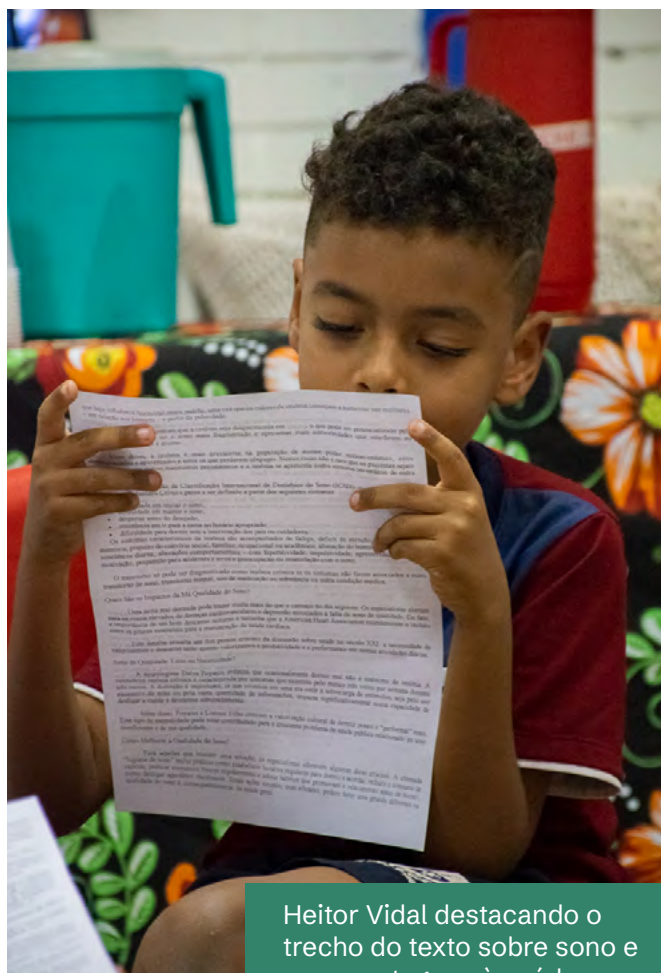
Leitura de trecho do artigo.

As falas de quem participa partem de um trecho selecionado do artigo ou de uma experiência pessoal ligada ao tema. A cada turno, a pessoa que media atua para que todos falem. Ao final, pede que cada pessoa presente diga como foi participar da Tertúlia.

“

Todos que participaram levaram um pouquinho disso para casa. E isso acaba sendo levado para a comunidade. Eu participei, mas quando eu saí daqui, o meu esposo ouviu sobre o que aconteceu aqui dentro, a minha sogra ouviu, a minha filha ouviu. A gente vai plantando a sementinha para a comunidade toda. Quando a gente sai daqui, não fica só pra gente. A gente leva esse conhecimento pra fora.”

(Jaqueline Nobre, mãe de Ágata Valentina, 9 anos)



Heitor Vidal destacando o trecho do texto sobre sono e suas vantagens à saúde.



Deusdedite Cardoso, motorista do transporte escolar, falando de seus hábitos saudáveis de sono e consequências positivas para sua saúde.



Resultados

Cada participante levou consigo:

- conhecimento ampliado sobre o tema a partir da perspectiva dos demais, que pode contribuir para hábitos de vida mais saudáveis;
- conhecimento sobre as famílias;
- a satisfação de ser escutada ou escutado e valorizada ou valorizado pela escola;
- o sentimento de pertencimento;
- a desconstrução de concepções advindas de experiências negativas de escolarização, que deixaram sentimentos de desconfiança e a crença de que não é uma pessoa bem-vinda na escola.



Para mim, foi muito especial, foi muito importante participar da Tertúlia. Também a questão da escuta dos pais sobre determinado assunto. Foi muito interessante saber como é a visão das famílias. Como é na casa do meu aluno. Os problemas que eles enfrentam. Em que eu posso ajudar aqui no ambiente escolar como professora.”
(Giselda Alves de Souza, professora)



Essa parte de ouvir e ser ouvida é importante em todos os sentidos na vida. Normalmente, a gente está muito acostumado a falar sempre ou ficar calado. E quando você participa e consegue tanto falar quanto ouvir de forma ativa é extremamente importante. Então, poder participar, sentir-se acolhida (essa é a palavra) faz toda a diferença na nossa vida e aqui, enquanto mãe, enquanto pessoa participativa aqui da escola.
(Jaqueline Nobre, mãe de Ágata Valentina, 9 anos)

Reflexão sobre a experiência

A Tertúlia do CMEB Alda Viveria de Sousa lembra John Dewey quando diz que toda experiência pode ser positiva ou negativa, mas, em ambos os casos, influenciará as posteriores. Segundo Dewey, é papel da escola proporcionar situações para que as experiências mobilizem esforços e se apresentem em forma de atividades agradáveis, visto que estimulam e preparam para experiências futuras. Nesse sentido, a Tertúlia é uma estratégia que possibilita boas experiências que podem sustentar a construção de uma cultura da presença e da participação das famílias na escola.

VENCER O DESAFIO DA INCLUSÃO NA ESCOLA





Projeto Conexão: escuta como base da relação entre familiares e professoras ou professores de crianças de desenvolvimento atípico

“

O Projeto Conexão nasceu da necessidade de incluir e acolher famílias e professores de estudantes atípicos, partindo de reuniões com foco na escuta dos familiares responsáveis pelas crianças e professores e na interação entre eles, com a presença de especialistas abordando temas a partir das necessidades das famílias e dos professores.”

(Rosana Sant’ana da Silva Santos, gestora escolar)

Atualmente, muitos desafios se colocam para gestoras ou gestores escolares. Um deles é liderar um movimento para romper com uma prática escolar homogeneizante na direção de uma prática comprometida com a diversidade.

O Projeto Conexão da Escola Instituto Cristão Estrela de Belém é uma forma de caminhar nessa direção ao adotar a escuta como estratégia para melhorar a relação pedagógica entre familiares de crianças com desenvolvimento atípico e suas professoras ou professores.



Gestora Rosana iniciando uma das atividades do Conexão.

Por meio do diálogo e compartilhamento de informações, familiares e professoras ou professores aprenderam sobre os direitos das famílias e das crianças, se aprofundaram sobre o trabalho de cada profissional que acompanhou as crianças fora do ambiente escolar, a história de cada um e modos de enfrentar os desafios.

Modo de fazer

Mobilizar os familiares e docentes: a gestora ou gestor convida familiares e docentes para os encontros do Projeto Conexão, ao mesmo tempo em que escuta suas demandas.

Acolher cada participante: os familiares são acolhidos com música, momento espiritual e uma atividade de grupo, com o objetivo de promover um clima afetivo favorável às interações.



Acolhida dos participantes



Mediação para promover escuta mútua: familiares, docentes e profissionais convidados são incentivados a escutar e compartilhar suas experiências, com o objetivo de promover aprendizados que melhorem a educação de crianças com deficiência.



Mobilização e bate-papo entre os participantes:

acontecem mais interações entre as pessoas participantes, acompanhadas por um lanche preparado pela escola. Muitas amizades surgem dessa conversa.

“

Cada pessoa disse um pouco sobre si e sobre a criança. Com pouco apoio, a nossa saúde mental vai ficando abalada. Vamos nos isolando da sociedade. É exaustivo estar com a criança o tempo todo. Com um projeto como esse, fica mais fácil. Fiquei feliz com a proposta, quero continuar ajudando. É um momento de suma importância.”

(Naiane Silva Prazer, mãe de José Francisco, 5 anos)



Naiane Silva Prazer, mãe de João Francisco.

O Conexão possibilita construir redes de apoio necessárias, porque a rotina das mães e familiares de crianças de desenvolvimento atípico é estressante por conta da sobrecarga de cuidados exigida. A escuta mútua, base do Conexão, ajuda a quebrar **estereótipos**, que são fonte de tensão para os familiares,

causando equívocos pedagógicos e prejuízos para desenvolvimento das crianças.

O **estereótipo** é a base do preconceito, definido como crenças sobre características pessoais que atribuímos a pessoas ou grupos (Rodrigues; Assmar; Jablonski, 2015).

“

Quando você tem um diagnóstico, pensa: como vai ser agora meu filho na escola? Eu vou confessar que eu me preparava para uma agenda cheia de recadinhos,



de cobranças. Mas aqui tudo foi diferente. É trabalhar junto, ser escutada. Poder ouvir os pais, outras realidades. Ter um direcionamento. Esse grupo fez toda a diferença. Quando você ouve outras pessoas, pensa: isso não acontece só comigo, acontece com outras pessoas.”

(Maria Cristina de Souza Miglioranza, mãe de João Miguel, 04 anos)



O Conexão oportuniza **amizades** por ser um espaço no qual as pessoas se comunicam umas com as outras em nível pessoal. No livro *Inclusão: um guia para educadores*, Susan e William Stainback demonstram que as amizades são um suporte valioso para construir uma rede de apoio para familiares de crianças atípicas.



A atmosfera de nossos encontros nos faz refletir que, por trás de um laudo, tem uma pessoa, uma história. O Conexão é um grupo de apoio de pessoas que se conectam com as suas histórias.”

(Rosana Sant’ana da Silva Santos, gestora escolar)

A **amizade**, antes de tudo, é mágica, é mistério e milagre. Há algumas estratégias concretas que as pessoas podem usar para ajudar a construir amizades nas vidas das pessoas, mas são apenas estratégias. Manter essas amizades requer trabalho árduo e energia, especialmente se as pessoas em questão têm longas histórias de segregação, isolamento, solidão profunda e poucas oportunidades. Se nossas escolas e comunidades não puderem receber e abraçar a diversidade e apoiar as amizades entre seus membros, não haverá inserção (Stainback; Stainback, 1999, p. 169-170).

- As professoras ou professores desenvolvem escuta atenta das famílias e compreendem as dificuldades que enfrentam.
- A equipe da escola aprende com as famílias a ver as crianças de forma diferenciada.
- Professoras ou professores e familiares qualificam sua relação pedagógica.
- Familiares iniciam amizades que podem ser a semente de uma rede de apoio.

Resultados

- Cada participante leva consigo aprendizagens que o fortalecem para educar uma criança de desenvolvimento atípico.

“

Como professora, você recebe uma criança, você vê a criança, mas não vê a sua história, a história da família. O mundo não está fácil para os ditos normais, muitos preconceitos existem. O Conexão poderia abranger todos os familiares. Estamos tão centrados em nossos problemas que não conseguimos ver os outros. O Conexão ajuda a sair de nossos problemas para ver os outros. Muitas vezes, não é porque somos egoístas. É o não ter tempo para sair de si, conhecer as crenças dos outros, as histórias.”

(Maria Rosa Pedroso, mãe e professora)



Maria Rosa Pedroso, mãe e professora.

Reflexão sobre a experiência

O Conexão é sobre pessoas, pessoas que, de forma positiva, constroem juntas conhecimentos para transformar vidas. Isso nos faz pensar que a comunidade escolar pode superar uma prática pedagógica homogeneizante, ainda predominante nas escolas brasileiras.

Nesse sentido, o Conexão possibilita que **escola e familiares compartilhem seu poder**, a fim de construir uma pedagogia diferenciada para garantir a cada estudante de desenvolvimento atípico o direito de aprender na escola.

Para saber mais



Raquel Franzim, coordenadora-geral de Educação em Tempo Integral do MEC, debate sobre a necessidade de a relação entre família e escola se estabelecer a partir de bases mais democráticas e partilhadas, distanciando-se da histórica relação de poder da escola sobre as famílias, especialmente aquelas que têm uma criança com deficiência.



Clique aqui para acessar



SAIR DOS MUROS DA ESCOLA PARA MELHORAR A RELAÇÃO COM AS FAMÍLIAS



Visita Fraterna: estratégia de promoção do bem-estar

“

A Visita Fraterna é a prática de uma educação como ato de amor, a concretização da afetividade da pedagogia de Paulo Freire.”

(Maria da Conceição da Silva Bezerra, professora, durante conversa com a Avante - Educação e Mobilização Social)

Os centros municipais de Educação Infantil Educandário Espírita Maria Nazaré e Gilson de Mendonça realizam Visitas Fraternas mensais, com o objetivo de promover o bem-estar das famílias e das crianças, uma estratégia que melhora seu trabalho pedagógico e promove ações integradas entre escola, família e outros órgãos do Sistema de Garantia de Direitos (SGD) da Criança e do Adolescente.

“

A Visita é um modo de criar condições para concretizar a legislação, porque a educação das crianças é dever da escola e da família.”

(Viviane Ribeiro Dias, professora)

Para educadoras ou educadores e famílias ouvidos pela Avante - Educação e Mobilização Social, a Visita Fraterna à casa das crianças é um ato de amor e acolhimento. Uma estratégia de escuta mútua entre escola e família, que resulta na qualificação da interação entre essas instituições.



Educadores, familiares e crianças falando sobre o que é viver uma Visita Fraterna.



Visitadores e visitados no dia da conversa com a equipe da Avante – Educação e Mobilização Social sobre a Visita Fraterna.

“

“Fiz e recebi a Visita. Senti-me acolhida. Senti que a escola se preocupa comigo, que faço parte da escola. A gente se sente pertencente. Um dos meus filhos é autista. A Visita gerou segurança e um olhar humanizado. Ajudou a acolhê-lo na diferença, levando em conta suas singularidades. Enquanto professora, vejo como as crianças se sentiram integrantes. A gente vê o brilho no olhar. E o quanto isso ajuda nas relações da criança na escola.”

(Liliane Dias das Chagas, supervisora pedagógica)

Objetivos da visita fraterna

- Estabelecer laços de amizade, fraternidade entre educadores, família e crianças.
- Conhecer a realidade em que a criança vive.
- Aproximar a família da escola.
- Levar boas vibrações às famílias.
- Auxiliar na mudança de contextos prejudiciais ao desenvolvimento das crianças.
- Providenciar assistência material e profissional.

“

Ser recebido nos lares nos desperta a fazer mais pelas famílias. Por meio das Visitas, a escola cumpre seu papel legal de apoiar as famílias e ampliar suas competências para exercer sua função de cuidadores primários das crianças.”

(Claudiana Dias Santos, gestora)



Claudiana Dias Santos, gestora escolar

A maioria das **famílias** aceita o convite para viver essa experiência. Nas visitas, as educadoras ou educadores entendem os motivos das faltas das crianças, de determinado comportamento delas na escola, como está a relação das famílias com o sistema de proteção etc.

Para saber mais



A família como contexto de desenvolvimento humano



Clique aqui para acessar

“

A Visita foi incrível, legal. Foi boa, porque deixaram eu ler uma trovinha.”

(Nathasha Emanuely dos Santos Meireles, 06 anos, criança que recebeu a Visita Fraterna)



“

“O mais legal da Visita foi que eu brinquei com minha professora. Ela conheceu meus brinquedos.”

(Livia Marianna dos Santos Meireles, 04 anos, criança que recebeu a Visita Fraterna)





Modo de fazer

Quem faz a Visita Fraterna?

Um grupo de educadores, composto pela gestora ou gestor, supervisora pedagógica ou supervisor pedagógico, professoras ou professores.

Quem recebe a Visita Fraterna?

Todas as famílias podem receber visitas, mas a prioridade é daquelas que estão passando por situações que provoquem vulnerabilidades e riscos e, por isso, necessitam de um olhar diferenciado.

Tempo

Breve, mas suficiente para escutar a família, trocar informações sobre a criança, deixar orientações e encaminhamentos para solução de problemas.

Preparo

Definir quem será visitado: as famílias de crianças que apresentam alguma dificuldade são as primeiras a serem visitadas. Sono, alimentação, aprendizagem, interação

com outras crianças ou adultos da escola e crianças com problemas na arcada dentária são exemplos dessas dificuldades.

As educadoras ou educadores conversam sobre cada caso e decidem quem será visitado. A escola pergunta para a família se gostaria de receber visita. Se a resposta for positiva, combinam dia e horário.

Formar educadoras ou educadores: a equipe gestora da escola mobiliza e orienta professoras ou professores sobre os objetivos da Visita e as atitudes da visitadora ou visitador. Gentileza, escuta atenta, não julgamento, evitar anotações para não gerar distanciamento entre escola e família são algumas das orientações. Além disso, as professoras ou professores têm aulas sobre direitos e deveres da família e da escola; intersetorialidade; a relação das Visitas com o cuidar e educar na Educação Infantil e o funcionamento do SGD, a fim de qualificar sua interação com os familiares.



Quando se vai à casa e vê a realidade em que a criança está inserida, é possível vê-la com outros olhos. Ter um olhar empático, fraterno”.
(Marta Lúcia Póvoa Rodrigues, gestora escolar)



Marta Lúcia Póvoa Rodrigues-
gestora escola

Processo

Chegar nas casas:

as educadoras ou educadores pedem licença para entrar nas casas. Conversam com os familiares a partir dos dados fornecidos à escola no momento da matrícula e das dificuldades observadas.

Escutar as famílias:

ouvem e compartilham com os familiares as dificuldades das crianças na escola. Essa conversa gera orientações e auxílios para superá-las: alimentação, sono, higiene bucal e como brincar com as crianças são alguns temas abordados nessas orientações. Além disso, ensinam às famílias seus direitos e como funciona o Sistema de Garantia de Direitos. Se for o caso, apoiam-nas para acionar esse sistema.

Encerrar a visita: com a gentileza do início, lembram às famílias que o dever da escola é garantir o direito da criança a uma educação de qualidade e, por isso, precisa estar sempre aberta para atendê-las.



Conhecer os educadores e como meus filhos estão na escola, perceber que eles os conhecem bem me deixou mais segura e confiante na escola. Senti-me acolhida.

Receber as orientações e o abraço da equipe da escola foi muito bom para mim, que vivo na correria de cuidar de três filhos, cursar psicologia.”

Candice Layla Santos
Meireles, mãe de Livia
Marianna dos Santos
Meireles, 04 anos.

Registro

- Registrar as informações produzidas durante a Visita em categorias: convivência entre os familiares, condições em que vive a criança e ajuda mais adequada.
- Compartilhar com os demais educadores esses registros e, juntos, definirem encaminhamentos relacionados à aprendizagem das crianças e estratégias para acionar membros da comunidade ou

órgãos do Sistema de Garantia de Direitos a partir das demandas das famílias.

Resultados

Escola conhece o contexto das famílias para qualificar sua ação pedagógica com elas. Famílias confiam mais na escola e cuidam melhor das crianças. Famílias aprendem a acionar o Sistema de Garantia de Direitos. Escola aciona ações integradas em benefício do bem-estar das crianças.



Foi um compartilhar e me aproximar da escola. Todos os professores estavam. Todos conhecem bem o Pedro. Percebi que meu filho está sendo bem acolhido. O Pedro é feliz aqui. Eu não tinha muito tempo para vir à escola. O acolhimento dos professores indo às casas apoia os pais.”

Tatiane da Silva Garcia
Oliveira, mãe de Pedro
Silvia Garcia Oliveira, 02
anos.



Reflexão sobre a experiência

A Visita Fraterna possibilita desenvolver **competências familiares** e uma atenção integral e integrada às crianças para gerar o bem-estar necessário para seu desenvolvimento pleno. Por esse motivo, educadoras ou educadores e famílias que foram ouvidos recomendam que a Visita faça parte da política pública dos municípios.

Para saber mais



Direitos das crianças:
competências
familiares e municipais



Clique aqui
para acessar



Emily Suyanne da Silva Costa e os filhos Davi, Laura e Ana Júlia.

EDUCAR EM PARTICIPAÇÃO É FUNÇÃO DA ESCOLA





Participação de estudantes e familiares no Conselho de Classe

“

Participar do Conselho de Classe foi uma forma de ajudar meus colegas a não desistir e a faltarem menos.”

(Maria de Fátima Souza Silva, estudante)

As escolas de Educação de Jovens e Adultos da Rede Municipal de Educação de Luziânia avançam na direção de uma gestão democrática ao incluir a **participação** de estudantes e familiares no **Conselho de Classe**, os quais não participam na maioria das escolas brasileiras.

Participar é tomar parte em algo. Comprometer-se, agir, compartilhar e comunicar caracterizam o ato de participar (Ventosa, 2016, p. 61-62).

O Conselho de Classe é um órgão colegiado e deliberativo que compõe a gestão democrática da escola. Sua função é monitorar e avaliar os processos de ensino e aprendizagem numa perspectiva de avaliação diagnóstica e formativa. Ele não pode ser reduzido a um espaço para aprovar e reprovar estudantes por meio de atribuição de notas (Cruz, 2005; Dalben, 2004).



Conselho em andamento.

A gestora escolar Cristina Salatiel e a supervisora pedagógica Soliderane Sousa de Andrade **lideraram** essa mudança. Cristina formou um Conselho de Classe com a participação de estudantes. Soliderane vivenciou essa experiência ao expandir a proposta para as demais escolas, até a Secretaria de Educação, pois constatou que a participação estudantil diminuiu a **evasão**.

Liderar é um direito de qualquer pessoa. Lidera quem não se cala, quando sente que pode fazer alguma coisa para o grupo e para si (Gayotto, 1996).

A proposta foi aceita, resultando em um documento orientador sobre como oficializar a participação de estudantes e familiares no Conselho de Classe. O passo seguinte foi mobilizar e orientar cada supervisora ou supervisor pedagógico das escolas.

“

O aluno adulto quando tem dificuldades não fala. Afasta-se e deixa a escola. Com os representantes, eles têm mais abertura para falar de suas dificuldades.”

(Flávia Maria de Abreu, gestora)



Soliderane, ao centro, de camisa rosa, com grupo gestor, professores, estudantes e Camila Roriz (terceira da esquerda para direita).



Preparo

■ **Orientar supervisoras ou supervisores pedagógicos das escolas:**

coordenadoras pedagógicas ou coordenadores pedagógicos da Secretaria Municipal de Educação orientam supervisoras ou supervisores sobre como conduzir as sessões do Conselho com a participação estudantil e familiares.

semestre letivo, com exceção do 1º ano, no qual a eleição é anual.

■ **Convidar familiares:**

a gestão convida pessoas responsáveis por estudantes com deficiência e menores de idade, que recebem explicações sobre a função que exercem e seu papel no Conselho de Classe.

■ **Eleger um representante das turmas:**

as turmas elegem um representante e um suplente a cada



Estudantes, equipe gestora da escola e supervisores

Processo

- O Conselho é mediado pela supervisora ou supervisor pedagógico, de modo que haja uma reflexão coletiva sobre o trabalho pedagógico.
- Professoras ou professores fazem a devolutiva sobre os resultados de aprendizagem.
- Estudantes e familiares são escutados.
- Estudantes, familiares, professoras ou professores, gestoras ou gestores e supervisora pedagógica ou supervisor pedagógico falam de resultados positivos e de demandas relacionadas a melhores condições para aprendizagem.
- Educadoras ou educadores, estudantes e familiares pensam em formas para melhorar as condições de aprendizagem.





Os estudantes perceberam que podem representar seus colegas e compreenderam os critérios que são utilizados para avaliá-los.”
(Flávia Maria de Abreu, gestora)

Resultados

- Estudantes compreendem do que se trata um conselho e os critérios de avaliação.
- Estudantes, familiares e educadoras ou educadores

desenvolvem **atitudes positivas para participação.**

- Educadoras ou educadores desenvolvem escuta atenta.
- Familiares e professoras ou professores de estudantes com deficiência melhoram sua comunicação.
- Estudantes sentem-se mais mobilizados para aprender e faltam menos.
- Estudantes e famílias participam de decisões sobre atividades da escola.
- Estudantes participam

Uma atitude é uma disposição afetiva e conativa que predispõe alguém, de maneira positiva ou negativa, a participar. As atitudes para participação são geradas a partir de experiências vividas por uma pessoa em determinados contextos (participar em) sociogrupais (participar com) (Ventosa, 2016, p. 73).

da construção do Currículo de Artes e Educação Física.

- Esses atores qualificam sua interação.



Escutar sem julgar, sem tentar mostrar que o que estou acreditando é o mais importante, que tem mais valor. Se a família e a comunidade perceberem que aquele conhecimento, que a vivência de mundo que trazem vai sendo analisada de uma forma mais pedagógica e tudo isso vai sendo transformado em um projeto, a gente traz a família para dentro da escola. Saber escutar. Antes de qualquer ação, escutar. Ouvir, verdadeiramente, o que essa comunidade escolar tem para nos oferecer, para nos ofertar. E o que eles gostariam de vivenciar, principalmente os alunos.”

(Soliderane Sousa de Andrade, coordenadora pedagógica)

Reflexão sobre a experiência

A **escuta** foi objeto de atenção das coordenadoras pedagógicas da Secretaria Municipal de Educação que acompanham as escolas. Elas entenderam que escutar é matéria-prima para a participação ao vivenciarem as ações da “Tecnologia fortalecimento da relação, escola, família e comunidade”. A qualificação dessa escuta é um dos eixos para a continuidade e o fortalecimento da participação de estudantes e familiares no Conselho de Classe.

Escutar não é ouvir. Escutar é um fenômeno totalmente diferente. Embora sua raiz seja biológica e repouse no fenômeno do ouvir. Escutar pertence ao domínio da linguagem e se constitui em nossas interações sociais com os outros.
(Miranda; Miranda, 1991)

“

Participar do Conselho de Classe ajudou a conhecer melhor o trabalho que a escola realiza com meu filho e sobre seu desenvolvimento.”

(Maria Lúcia, mãe de um estudante com desenvolvimento atípico.)



Familiars com a palavra no Conselho de Classe.



Referências

- ☐ ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ☐ BERALDO, F. R. C. L.; RIZEK, K. (Org). Direitos da criança: competências familiares e municipais. Trilha formativa 1. Salvador: Avante, 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1YSimRbrobOizwSuSvKbGUo9S5mh20DoG/view>. Acesso em: 4 nov. 2024.
- ☐ CRUZ, C. H. C. Conselho de Classe: espaço de diagnóstico da prática educativa escolar. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- ☐ DALBEN, A. I. de F. Conselho de Classe e avaliação: perspectivas na gestão pedagógica da escola. Campinas: Papirus, 2004.
- ☐ DEWEY, J. Experiência e educação. Tradução de Renata Gaspar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.
- ☐ GAYOTTO, M. E. C. (Coord.). Líder de mudança e grupo operativo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ☐ HARGREAVES, A.; SHIRLEY, D. Bem-estar nas escolas: três forças que motivarão seus alunos em um mundo instável. Porto Alegre: Penso, 2023.
- ☐ JUNGLES, L. A. S. Parceria família-escola [recurso eletrônico]: benefícios, desafios e proposta de ação. Ilustrações de Bruno Henrique Junges. Brasília, DF: Ministério da Educação (MEC), 2022. Disponível em: https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/parceria_familia_escola_vf.pdf. Acesso em: 5 ago. 2024.
- ☐ KORTHAGEN, F. A prática, a teoria e a pessoa na aprendizagem profissional ao longo da vida. In: FLORES, M. A.; SIMÃO, A. M. V. (Org.). Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas. Portugal: Edições Pedagogo, 2009.
- ☐ MIRANDA, C. F. de; MIRANDA, M. L. de, Construindo a relação de ajuda. 7.ed. Belo Horizonte: Crescer, 1991.
- ☐ NOGUEIRA, A. A. S. Educação de jovens e adultos na cidade de Natal: uma reflexão sobre insucesso e sucesso. 2012. 68 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.
- ☐ RAQUEL Franzim – Família escola. [S. l.: s. n.], 2024. 1 vídeo (2 min 40 s). Publicado pelo canal Avante – Educação e Mobilização Social. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zjYFx3-R9tk>. Acesso em: 4 nov. 2024.
- ☐ RELATÓRIO INCLUD-ED FINAL: estratégias para a inclusão e coesão social na Europa a partir da educação. Universidade de Barcelona, 2011. Disponível em: <https://www.comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials/12/740922c2359d-3ca752de853bbb798930.pdf> Acesso em: 5 set. 2024.



- ☐ RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKI, B. Psicologia social. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- ☐ ROGERS, C. R. Psicoterapia e relações humanas. Belo Horizonte: Interlivros, 1977. v. 2.
- ☐ SILVA, A. S. da; ANSARA, S. Formadores da criança e do jovem: interfaces da comunidade escolar. São Paulo: Cengage Learning, 2014.
- ☐ STAINBACK, S.; STAINBACK, W. Inclusão: um guia para educadores. Tradução: Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- ☐ VENTOSA, V. J. Didática da participação: teoria, metodologia e prática. Tradução: Newton Cunha. São Paulo: Edições Sesc, 2016.
- ☐ VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ☐ WARSCHAUER, C. Rodas em rede. Oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

Palavra da Avante – Educação e Mobilização Social

Atuar em parceria com as redes públicas de Educação é uma forma potente que a **Avante – Educação e Mobilização Social** tem para cumprir sua missão de contribuir para a formação do cidadão, pela educação, visando à garantia dos direitos sociais básicos e ao fortalecimento da sociedade civil. Na parceria com a Rede Municipal de Educação de Luziânia (GO), atuamos na implementação das tecnologias: “Formação e gestão da educação infantil” e “Fortalecimento da relação escola, família e comunidade”.

As experiências aqui relatadas foram influenciadas, direta ou indiretamente, pelas aprendizagens construídas em nossas ações formativas com cada profissional da Rede. Um dos objetivos dessas ações foi a aprendizagem da escuta como ferramenta para planejamento da prática pedagógica, com vistas ao protagonismo das crianças da Educação Infantil e ao fortalecimento da relação entre escola, família e comunidade.

Em todas as experiências que compõem esta publicação, foi uma sensação de dever cumprido encontrar a escuta como dispositivo utilizado pelas escolas para construírem projetos com as crianças, as famílias e outros atores da comunidade, o que revela avanços significativos em qualidade educacional.

De todas as sementes plantadas no solo luzianense, acreditamos que continuarão nascendo frutos ligados ao direito das crianças da Rede a uma educação que lhes garanta uma vida mais digna.

Um forte abraço a cada profissional que nos acolheu e nos ensinou muito. Aprendizagens que levaremos para prosseguir na promoção de direitos e na disseminação de ideais basilares para a construção de uma sociedade mais justa e solidária, calcada no diálogo, na diversidade e na valorização do coletivo.

Avante - Educação e Mobilização Social



Palavra da Fundação Itaú

Na **Fundação Itaú**, acreditamos que a construção de uma Educação pública de qualidade requer a união de forças e saberes, inspirada pelo entendimento coletivo de que o aprendizado e o desenvolvimento de cada criança são responsabilidades compartilhadas. Nosso compromisso está em contribuir com ações e programas que fortaleçam políticas públicas emancipatórias, capazes de transformar a trajetória escolar e promover mudanças estruturais, reduzindo desigualdades por raça, cor, gênero, deficiência e nível socioeconômico.

Em Luziânia (GO), por meio do **Programa Melhoria da Educação (2021-2024)**, unimos esforços com a Secretaria Municipal de Educação para implementar iniciativas que apoiem a melhoria das práticas pedagógicas. Entre as ações realizadas, destacam-se a implementação das tecnologias educacionais, fortalecimento da relação escola, família e comunidade, e a formação de profissionais com foco na gestão e na qualificação das práticas pedagógicas na Educação Infantil.

Guiados por marcos estratégicos que priorizam a melhoria das práticas pedagógicas na pré-escola, investimos na criação de ambientes de aprendizagem que acolham e valorizem a pluralidade e promovam o desenvolvimento integral das crianças. Esse trabalho reflete nosso compromisso com o direito à educação como ferramenta de inclusão, justiça social e transformação.

Agradecemos às gestoras e aos gestores, professoras e professores e às equipes técnicas de Luziânia pelo empenho e dedicação. Vocês são parte essencial dessa “aldeia” que, coletivamente, transforma vidas por meio da Educação. Juntas e juntos, damos passos importantes rumo a uma sociedade mais equitativa e inclusiva, em que cada criança tenha acesso às oportunidades que merece para explorar o mundo e construir seu futuro.

Para uma Educação de Qualidade “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança.” – Provérbio Igbo¹

¹ Os Igbos são um dos maiores grupos étnicos do continente africano, tendo a maioria de sua população concentrada na Nigéria (fonte: Museu Afrobrasil).

Palavra da Secretária Municipal de Educação de Luziânia

É com imensa alegria que celebramos esta publicação, que simboliza o resultado de um esforço coletivo, fruto de um pacto firmado entre a Prefeitura de Luziânia, a Secretaria Municipal de Educação e o Programa Melhoria da Educação – Fundação Itaú. Este documento é uma prova viva do compromisso de nossas professoras ou professores, gestoras ou gestores, equipes técnicas e famílias com a educação de nossas crianças e estudantes.

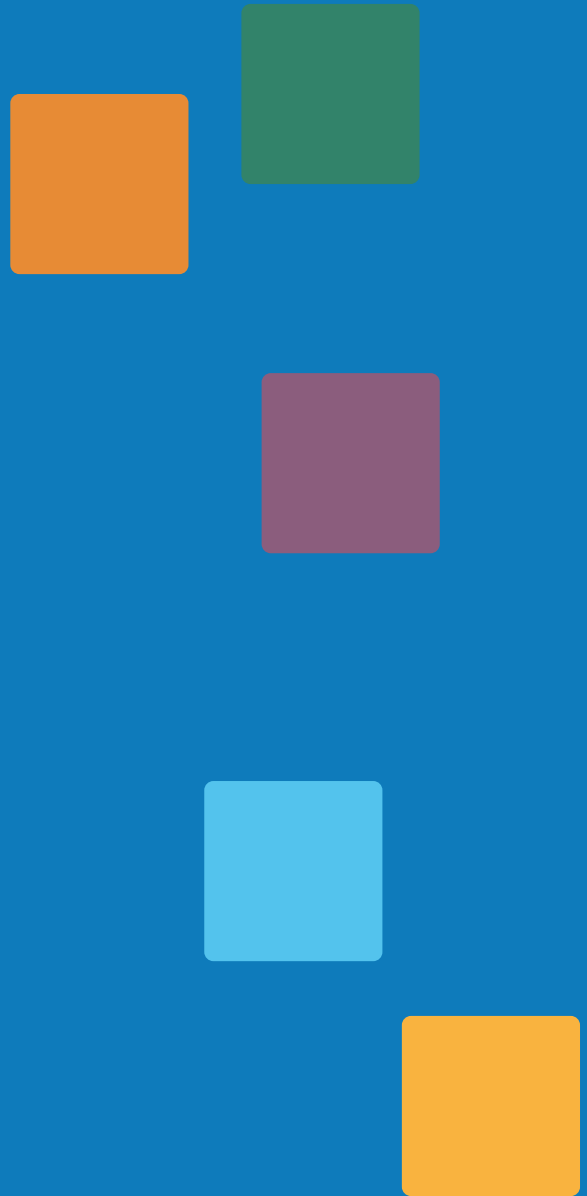
Guiados por um planejamento estratégico, implementamos duas tecnologias para o avanço da educação em nosso município: Formação e gestão na Educação Infantil e Escola, família e comunidade. Essas iniciativas foram a base para o início dos processos formativos em 2022, com o valioso apoio da Avante – Educação e Mobilização Social, que trouxe um olhar sensível à nossa prática pedagógica. Essas formações foram fundamentais na construção de uma educação baseada na colaboração e na participação ativa de todos os atores envolvidos. As práticas desenvolvidas em nossas escolas, agora registradas nesta publicação, refletem esse processo formativo, validando as experiências e aprendizagens de nossas crianças e estudantes.

As práticas destacadas neste documento – como a “Receita do arco-íris”, “Caixas de saberes”, “Lugar de brincar é em todo lugar”, “Roda: estratégia para promover a parceria entre escola, família e comunidade” e muitas outras – são exemplos concretos de como nossas escolas têm se destacado frente às novas experiências educacionais, sempre colocando crianças e estudantes como protagonistas de suas aprendizagens.

Esta publicação é um convite para que todos conheçam, reflitam e se inspirem nas práticas que têm transformado a educação em Luziânia. Que este trabalho se torne uma referência para outras redes de ensino e que possamos continuar, JUNTOS, construindo pontes para o futuro de nossas crianças, estudantes e suas famílias.

Maria Luiza Sampaio Lima

Secretária Municipal de Educação de Luziânia



Realização



Social



Parceria técnica

